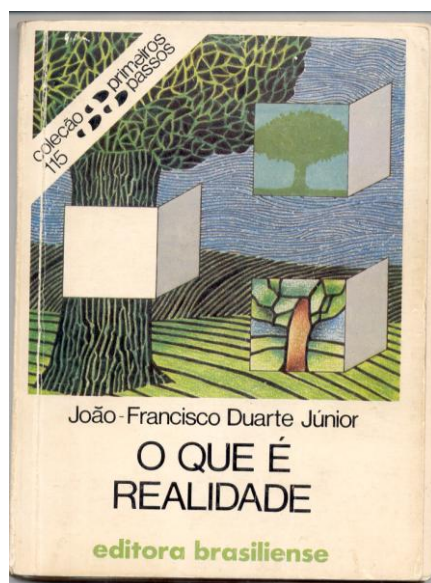


DUARTE JUNIOR, João Francisco. O que é realidade. São Paulo: Brasiliense, 2004. 10ª edição, 5ª reimpressão (1ª edição: 1984)



ÍNDICE

_ "Cai na real" -----	7
_ "No princípio era a palavra" -----	17
_ A edificação da realidade -----	28
_ A manutenção da realidade -----	56
_ A aprendizagem da realidade -----	77
_ A realidade científica -----	89
_ Indicações para leitura -----	102

"CAI NA REAL"

"Quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conceber que não existe *um* mundo-em-si, mas muitos mundos humanos, de acordo com as atitudes ou pontos de vista do sujeito existente."
(W. Luijpen)

A expressão que dá nome a este capítulo introdutório é uma das tantas que diariamente surgem no uso coloquial da linguagem e que podem ou não se incorporar ao acervo de uma língua. "Cai na real" é uma gíria brasileira recente, significando um apelo para que nosso interlocutor deixe de sonhar ou de fazer planos mirabolantes e utópicos e volte à realidade, volte a ter "os pés no chão". Interessante esta visão espacial da questão: o sonho, a ilusão, o erro estão nas alturas; a realidade, no solo. Quando se trata de abandonar o irreal, de voltar-se ao mundo sólido e concreto, caímos na realidade, colocamos os pés no chão. O real é o terreno firme que pisamos em nosso cotidiano.

8 *João-Francisco Duarte Júnior*

Realidade. Todos usamos rotineiramente esta palavra nos mais diferentes contextos e áreas de atuação e, no entanto, quase nunca paramos para pensar em seu significado, no que encerram estas suas nove letras. E não paramos porque, assim à primeira vista, o conceito nos parece tão óbvio que consideramos desnecessário qualquer questionamento a seu respeito. Todavia, segundo uma asserção que já se tornou popular, o óbvio é o mais difícil de ser percebido. Aliás, a este respeito, já dizia um antigo

professor que se o homem vivesse no fundo do mar provavelmente a última coisa que ele descobriria seria a água.

Muitas ciências - especialmente as chamadas ciências humanas - trabalham com o conceito realidade, incorporando-o ao seu jargão característico. Na psicologia e ciências afins (psicanálise, psiquiatria) talvez seja onde o emprego da palavra é maior e mais decisivo e, paradoxalmente, onde o seu significado é menos pensado e questionado. Estudantes e profissionais da psicologia quase sempre embatucam quando se lhes propõe que expliquem o termo realidade que empregam em suas falas e dissertações. Em geral tais pessoas

o que é Realidade 9

descartam a questão por considerá-la "óbvia demais", ou então respondem com frases feitas empregadas pelo senso comum, como: "realidade é como o mundo é", ou "realidade é aquilo como as coisas são". Expressões que não dizem nada nem esclarecem qualquer dúvida, pois, afinal, como é que o mundo é? Como as coisas são? E elas serão sempre de uma mesma forma ou podem variar, de acordo com a maneira como são olhadas e apreendidas?

Tome-se um quadro a óleo, por exemplo. Nele se vê uma paisagem composta por algumas plantas em primeiro plano, uma árvore florida cercada por um gramado em segundo plano e tendo ao fundo o horizonte tismado aqui e ali por fiapos de nuvens esgarçadas. Com certeza nos tomariam por loucos se disséssemos que nele, plantas, árvore, gramado e nuvens são reais. As plantas do quadro não possuem a mesma qualidade de existência daquelas que vivem ali no jardim e, no entanto, existem, ainda que de maneira diferente. Certamente poder-se-ia dizer que as plantas do jardim são reais, e aquelas do quadro uma representação deste real.

Mas isto não resolve a questão, pois o quadro apresenta também um segundo "nível" de realidade: é composto de tintas, tela e madeiras, elementos que podem ser trabalhados de diversas maneiras, criando-se uma realidade pictórica ou não. Em outras palavras: existe uma realidade do quadro que capto com a minha sensibilidade

10 João-Francisco Duarte Júnior

e emoção, e outra captada de maneira mais "física", digamos assim. O quadro para o espectador é diferente do quadro para o carregador de mobílias, e diferente ainda para o cientista que o submete ao raio X e a outros processos a fim de comprovar se ele, na realidade, foi pintado no século XVIII. Diferentes maneiras de se apreender o mesmo objeto: em cada uma delas o quadro possui uma realidade diversa.

Ou ainda a árvore florida, que serviu de modelo ao pintor. Enquanto este a captava em termos de forma, cores, luz e sombras, o jardineiro que cuidava do campo viu nela a possibilidade de um abrigo contra a inclemência do sol e sentou-se à sua sombra para descansar. E ambos a percebiam de maneira diferente do agrônomo que, neste instante, sugeria ao dono das terras que a árvore não fosse cortada, a fim de se preservar um certo equilíbrio ecológico no local.

Mais ao fundo dessa paisagem corre um regato de águas claras. Para a lavadeira que ali lava as suas roupas a água tem um sentido diverso de que para o caminhante que vê nela a chance de matar a sua sede. E o jardineiro, que a ela acorreu quando tratou de apagar um incêndio que irrompia no mato seco, nesse momento a percebia de forma diferente do menino que toda tarde se dirige ao regato para pescar alguns lambaris. E, inquirido, certamente um químico diria que a água daquele regato nada mais é do que H₂O, ou seja, uma

o que é Realidade 11

substância cujas moléculas são compostas de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio.

De acordo com estes exemplos nota-se que, na verdade, talvez não devêssemos falar de realidade, e sim de realidades, no plural. O mundo se apresenta com uma nova face cada vez que mudamos a nossa perspectiva sobre ele. Conforme a nossa intenção ele se revela de um jeito. Em linguagem filosófica dir-se-ia que as coisas adquirirem estatutos distintos segundo as diferentes maneiras da intencionalidade humana. Segundo as diferentes formas de a consciência se postar frente aos objetos. A água, para os sujeitos acima, apresenta realidades diversas, que são ainda diferentes da realidade da água para o desportista que nela vence um campeonato de natação ou para o incauto que nela se aventura e quase se afoga por não saber nadar.

Note também que nestes exemplos foram considerados apenas elementos do chamado "mundo físico": água, nuvens, árvore, plantas etc. Quando se trata de fatos humanos, culturais e sociais, a coisa cresce em complexidade. Qual a realidade de uma greve? De um golpe militar? Do ensino pago? De eleições diretas ou indiretas? De uma paixão que leva a escrever poemas e à embriaguez, quando não correspondida? Qual a realidade dos modos de vida de nossos antepassados das cavernas, que inferimos a partir de uma série de indícios geológicos e antropológicos? Sem

dúvida, aqui os pontos de vista se multiplicam, aumentando, conseqüentemente, o número de possibilidades de o real se apresentar.

Realidade, portanto, é um conceito extremamente complexo, que merece reflexões filosóficas aprofundadas. Afinal, toda construção humana, seja na ciência, na arte, na filosofia ou na religião, trabalha com o real, ou tem nele o seu fundamento ou ponto de partida (e de chegada). Melhor dizendo, trata-se, em última análise, de se questionar o sentido da vida humana, vida que, dotada de uma consciência reflexiva, *construiu* seus conceitos de realidade, a partir dos quais se exerce no mundo e se multiplica, alterando a cada momento a face do planeta.

No parágrafo anterior, o grifo no verbo "construir" tem a sua razão de ser. Será fundamental compreender-se que a realidade não é algo dado, que está aí se oferecendo aos olhos humanos, olhos que simplesmente a registrariam feito um espelho ou câmera fotográfica. O homem não é um ser passivo, que apenas grava aquilo que se apresenta aos seus sentidos. Pelo contrário: o homem é o construtor do mundo, o edificador da realidade. Esta é construída, forjada no encontro incessante entre os sujeitos humanos e o mundo onde vivem.

Contudo, o paradoxo mais gritante é que, sendo o homem o construtor da realidade, em sua vida cotidiana ele não se percebe assim. Muito pelo contrário: percebe-se como estando submetido à

o que é Realidade 13

realidade, como sendo conduzido por forças (naturais ou sociais) sobre as quais ele não tem e não pode ter controle algum. Feito o monstro do dr. Frankenstein, a criatura volta-se contra o seu criador.

Mas como, você poderá perguntar nesta altura do capítulo (onde se pretende apenas introduzir a problemática do tema): quer dizer que a natureza, as forças físicas, são criadas pelo homem? Não, eu lhe respondo, pedindo-lhe também que tenha paciência e acompanhe a evolução do raciocínio nos capítulos subseqüentes. As forças naturais não são criadas pelo ser humano, mas a maneira de percebê-las, de interpretá-las e de estabelecer relações com elas, sim. Pensemos num exemplo extremo: o peixe que vive no rio percebe-o de maneira radicalmente distinta do pescador que mora em sua margem. Só o homem pode pensar no rio, tomá-lo como objeto de seu raciocínio e interpretação. A realidade do rio, construída no mundo humano, tão-somente se apresenta assim para o homem. Qual seria a realidade do rio para um habitante de outra galáxia que nos visitasse? Não se pode saber.

Já que estamos falando em água, retornemos ao regato citado nas páginas anteriores. Foram descritas ali as várias "realidades" da água, os vários sentidos que ela adquire, de acordo com a intencionalidade dos homens que com ela se relacionam. Foi apontado então que, para um cientista (o

14 João-Francisco Duarte Júnior

químico), a água é uma substância formada de hidrogênio e oxigênio. Nós, habitantes do mundo moderno e com algum grau de informação, tendemos a acreditar que na realidade a água é aquilo que diz ser a ciência. É o cientista quem teria as chaves com que se abrem as portas da realidade última das coisas. A realidade da água é ser ela formada por hidrogênio e oxigênio ligados na proporção de dois para um. Ora, esta é uma crença perigosa, que coloca nas mãos da ciência o poder supremo de decidir acerca da realidade do mundo e da vida. Para o pescador, pouco se lhe dá se a água é formada destes ou daqueles elementos, nesta ou naquela proporção. Seus conhecimentos a respeito do rio são de outra ordem, sua realidade é construída de forma diversa, e sobre esta realidade ele atua a fim de manter a sua subsistência.

Aliás, as águas com as quais entramos em contato no nosso cotidiano são sempre refrescantes ou geladas, sujas ou limpas, turbulentas ou plácidas, convidativas ou ameaçadoras, nunca uma substância formada por tais e tais elementos químicos. A realidade desvelada pela ciência é uma "realidade de segunda ordem", ou seja, construída sobre as relações do dia-a-dia que o homem mantém com o mundo. Antes de a química afirmar a composição da água, trilhões e trilhões de seres humanos já haviam se relacionado com ela, percebido e atuado sobre a sua "realidade".

o que é Realidade 15

Toda esta discussão mostra que, contígua à questão da realidade coloca-se outra: a da verdade. Estes dois conceitos caminham juntos e, de certa forma, discutir um implica discutir o outro. Não me alongarei neste ponto agora, deixando-o para as páginas finais. Por ora basta notar-se que, de par com os "níveis" de realidade, caminham também os "níveis" de verdade. Não há por que se considerar as verdades científicas como sendo mais "verdadeiras" (ou mais seguras) do que as verdades estéticas ou filosóficas, por exemplo. Cada uma delas apresenta o seu grau de valor no seu contexto específico. Tentando compará-las estamos, como se diz, misturando estações.

Concluindo: a questão da realidade (e da verdade) passa pela compreensão das diferentes maneiras de o homem se relacionar com o mundo. Ciência, filosofia, arte e religião são quatro formas marcantes e especiais de esse relacionamento se dar. Todavia, em nosso cotidiano, a atitude filosófica, a

científica, a artística ou a religiosa são espécies de parênteses que abrimos em nossa forma usual, rotineira, de vivermos a vida e cuidarmos de nossa sobrevivência. De certa maneira, a realidade da vida cotidiana se impõe a nós com todo o seu peso. Ali, a água não é H₂O, nem o arrocho salarial uma exploração da mais-valia - verdades pertinentes à esfera da ciência e da filosofia.

A realidade da vida cotidiana é, se se pode dizer assim, a realidade por excelência, na qual nos

16 *João-Francisco Duarte Júnior*

movemos como o peixe na água. Será ela, portanto, que ocupará as nossas reflexões nos capítulos seguintes, citando-se, aqui e ali, estes outros modos especiais de construção da realidade ("realidade de segunda ordem", como chamamos anteriormente). Apenas um último capítulo foi reservado para se tratar das realidades e verdades construídas pela ciência, por ter ela, nos dias que correm, um papel preponderante nos destinos do planeta (não nos esqueçamos da ameaça nuclear "que paira sobre as nossas cabeças). Vamos, pois, "cair na real".

"NO PRINCÍPIO ERA A PALAVRA"

"Não há sentido sem palavras nem mundo sem linguagem."
(W. Luijpen)

"Na palavra, na linguagem, é que são primeiramente as coisas."
(M. Heidegger)

Nas páginas anteriores foi dito que o homem é o construtor da realidade, o construtor do mundo. Que, ao contrário do peixe, por exemplo, apenas o ser humano pode tomar o rio como um objeto de seu pensamento, reflexão e projeto. Somente o homem pode dispor de uma certa "distância" com relação ao mundo, interpretando-o e dando-lhe sentidos diversos. É preciso agora explicar mais

18 *João-Francisco Duarte Júnior*

claramente tais afirmações, já que elas são básicas para que se entenda o que é a realidade forjada pela espécie humana em sua existência, existência esta radicalmente diferente de todas as outras formas de vida que habitam o planeta.

O que funda esta diferença, o que torna o homem humano é, básica e decisivamente, a palavra, a linguagem. A consciência humana é uma consciência reflexiva porque ela pode se voltar sobre si mesma, isto é, o homem pode pensar em si próprio, tomar-se como objeto de sua reflexão. E isto só é possível graças à linguagem: sistema simbólico pelo qual se representa as coisas do mundo, pelo qual este mundo é ordenado e recebe significação.

Através da palavra o homem pôde "desprender-se" de seu meio ambiente imediato, tomando consciência de espaços não acessíveis aos seus sentidos. Ou seja: a palavra traz-me à consciência regiões não alcançáveis pelos meus sentidos aqui e agora. Quando digo "Japão", por exemplo, torno-me consciente de uma região do planeta que no momento me é inacessível, que não pode ser vista nem tocada por mim. O animal não pode fazer isto: está irremediavelmente preso, aderido aos seus sentidos. A consciência animal não vai além daquilo que seus órgãos dos sentidos trazem até ele. O animal está indissolivelmente ligado ao aqui.

Por isso se diz que o animal possui um meio

o que é Realidade 19

ambiente, enquanto o homem vive no mundo. Só pela palavra podemos ter consciência, encerrar em nossa mente a totalidade do espaço no qual vivemos: o planeta Terra. A vida animal, ao contrário, está sempre e apenas ligada ao espaço que existe em sua volta, o seu meio ambiente.

Pela palavra o homem criou também o tempo, ou a consciência dele. Posso pensar no meu passado, e não só no meu passado, mas no de toda a espécie humana: com a palavra encontro e crio significações para aquilo que vivi ontem, anteontem, ou para aquilo que outros homens viveram três séculos atrás. Com a palavra posso ainda planejar o meu futuro, com ela sei que existe um tempo que virá, um tempo que ainda não é. Já o animal, não: está preso não apenas ao aqui, mas também ao agora. O animal vive num presente imutável, eterno, fixo; sua vida é tão-somente uma sucessão de instantes: não há projetos para o futuro nem interpretações do passado.

Esta é a radical diferença entre homem e animal: o meio simbólico criado pela linguagem humana, linguagem que capacita o homem a proferir o seu "eu". Sim, pois não estamos aderidos ao nosso corpo como o animal ao dele. O animal é o seu corpo, corpo através do qual está ancorado ao aqui e agora. O homem tem um corpo, ou seja, pode "descolar-se" dele e tomá-lo como objeto de suas reflexões. Somos mais que nosso corpo: somos

também a consciência deste corpo, que sabemos finito. Neste sentido é que, em linguagem filosófica, se fala da transcendência humana: o homem transcende, vai, além da imediatividade do aqui e agora em que esta o seu corpo.

Vivemos assim, não apenas num universo físico, mas fundamentalmente simbólico. Um universo criado pelos significados que a palavra empresta ao mundo. Há que se mencionar aqui, rapidamente, a questão do suicídio, já que o homem é o único ser que, deliberadamente, pode por fim à própria vida. O suicídio é o exemplo mais extremo de como este universo de significações construído pelo ser humano chega a ser-lhe mais importante que a dimensão meramente física da vida. Muitas vezes seu corpo está em perfeitas condições, mas o homem se mata. E se mata porque a vida deixou de fazer sentido, perdeu a sua coerência simbólica: não há mais valores ou significados sustentando a existência.

Existência. Esta, a palavra chave. As coisas e os animais são, enquanto o homem existe. Existência é justamente a vida (biológica) mais o seu sentido. Sentido que advém da linguagem, instauradora do humano, que advém da palavra, criadora da consciência reflexiva e do mundo. "No princípio era a Palavra" (João, 1.1), diz o texto bíblico. Pela palavra se faz o mundo. Somente com a palavra surge isto a que chamamos mundo.

."Um momento" -poderiam objetar -"as

o que é Realidade 21

...a ordenação deste aglomerado de seres num esquema significativo, só é possível ao homem através de sua consciência simbólica, lingüística.

22 João-Francisco Duarte Júnior

coisas, árvores, rios, pedras, montanhas já não estavam aí antes de surgir o homem e sua linguagem?"Sim, mas ainda não eram mundo. Mundo é apenas e tão-somente um conceito humano. Mundo é a compreensão de tudo isto numa totalidade, é a ordenação deste aglomerado de seres num esquema significativo, só possível ao homem através de sua consciência simbólica, lingüística. Sem esta consciência, sem alguém que dissesse "isto é o mundo", tudo continuaria apenas um conglomerado de coisas. O mundo - que é um conceito essencialmente humano - apenas surge com o homem e para o homem. Animais e vegetais continuam presos neste aglomerado chamado meio ambiente. Só o ser humano habita o mundo. Mundo e homem surgiram juntos e permanecem indissolúvelmente ligados.

Mas afinal, o que é mundo? Numa fórmula simples podemos afirmar: mundo é o que pode ser dito. Mundo é o conjunto ordenado de tudo aquilo que tem nome. As coisas existem para mim através da denominação que lhes empresto. Que isto fique claro: só podemos pensar nas coisas através das palavras que as representam, entendendo-se "coisas" aí não em seu sentido estritamente físico, material. Idéia, sentimentos (os "substantivos abstratos"), existem para mim, tornam-se objetos de meu refletir, pelos seus nomes. Amor, justiça, fraternidade, raiva, democracia são conceitos que fazem parte do meu

o que é Realidade 23

mundo porque criados e reconhecidos por meio da palavra.

Definitivamente: o que existe para o homem tem um nome. Aquilo que não tem nome não existe, não pode ser pensado. Uma pequena observação é pertinente que se faça aqui: algumas "coisas", alguns conceitos existem para nós sem serem especificamente nomeados pela linguagem, mas vêm à luz através de outros sistemas simbólicos criados pelo ser humano. A linguagem é o sistema fundamental e primordial de criação e significação do mundo, mas além dela foram desenvolvidos outros, como o da matemática, da química, das artes etc.

Dadas estas colocações podemos começar a perceber que, além de se falar em mundo como um dado genérico, também é lícito falar-se em mundo, significando o acervo de conceitos e conhecimentos que cada indivíduo possui. Ou seja: quanto mais palavras conheço, quanto mais conceitos posso articular, maior é o meu mundo, maior é o alcance e amplitude de minha consciência. Tomemos por exemplo a palavra "zeugo". Se você, leitor, não sabe o que ela significa, a "coisa" que ela designa está ausente de seu mundo, não faz parte daquilo em que você pode pensar. (Uma olhada no dicionário lhe dará o significado e ampliará o seu mundo. E, por favor, não fique irritado feito ficou o editor: isto é só uma pequena brincadeira.)

Não é por outro motivo que na famosa obra de

ficção 1984, de George Orwell, a ditadura implantada no país imaginário de Oceania gradativamente ia diminuindo o vocabulário permitido ao povo e registrado nos dicionários. Quanto menos palavras a população soubesse, menor a sua capacidade de raciocínio e menor a sua consciência de mundo.

Há coisa de dez anos, aqui mesmo no Brasil, viveu-se uma censura tão ferrenha aos meios de comunicação que determinadas palavras e conceitos, simplesmente não podiam neles aparecer. Certos aspectos da realidade não podiam ser expressos nem nomeados, sob pena de prisão e processos por atentado contra a "segurança nacional". Na última frase do parágrafo anterior foi reintroduzida a palavra realidade. Depois de todo este raciocínio acerca do conceito de mundo podemos perceber que, se ele é ordenado e significado através da linguagem, conseqüentemente a realidade será também fundamentalmente estabelecida e mantida por ela. A partir da linguagem que um povo emprega (e também a partir de suas condições materiais, é claro), ele constrói a sua realidade. A construção da realidade passa pelo sistema lingüístico empregado pela comunidade. A linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as suas ações de modo coerente e integrado.

O que é o mito bíblico da construção da Torre de Babel senão uma (anti)ilustração disto que está

o que é Realidade 2S

sendo afirmado? Pelo castigo divino os homens que estavam construindo a torre começaram a falar línguas diferentes, o que lhes impossibilitou a comunicação e, conseqüentemente, a interpretação consensual do mundo e a conjugação da ação na qual estavam envolvidos. Assim, a torre (a realidade) tornou-se impossível de ser erigida.

Nossa percepção do mundo é, fundamentalmente, derivada da linguagem que empregamos. E esta linguagem está, dialeticamente, ligada às condições materiais de nossa existência, especialmente nas sociedades divididas em classes. Porém, o raciocínio aqui desenvolvido prende-se exclusivamente ao aspecto geral da questão, qual seja, a demonstração de que o sistema lingüístico de que se vale um povo é condicionante de sua maneira de interpretar o mundo e de nele agir (construindo a sua realidade).

Nesta afirmação, de que a nossa percepção deriva-se da linguagem que utilizamos, o sentido do termo percepção vai além de seu significado mais geral de "compreensão". Envolve mesmo a percepção entendida como o produto de nossos órgãos dos sentidos. Visão, audição, olfação, gustação e tato são também "educados" culturalmente, o que vale dizer lingüisticamente, por derivação. Com alguns exemplos isto se tornará mais claro.

Certa tribo africana possui, em seu vocabulário, em torno de cinquenta maneiras diferentes de se afirmar que "fulano vem (ou está) andando".

26 João-Francisco Duarte Júnior

Cada uma dessas expressões descreve o jeito de a pessoa andar (balançando os braços, gingando os quadris, etc.). Desde criança o indivíduo tem a sua visão, a sua percepção de movimentos, treinada, já que precisa empregar corretamente a expressão verbal correspondente aos modos de seus semelhantes andarem. Conseqüentemente, eles conseguem captar nuances e sutilezas do andar que nós não conseguimos, a não ser através de um esforço deliberado para tanto. A linguagem que empregam em seu cotidiano os obriga a desenvolver esta percepção específica.

Um outro exemplo deste condicionamento lingüístico tem a ver com aquilo que a psicologia denomina "constâncias da percepção". Um prato sobre uma mesa sempre nos parecerá circular, independentemente do nosso ângulo de visão. Um avião nos céus nunca será visto como algo minúsculo. E uma maçã sempre nos parecerá vermelha, sejam quais forem as condições de iluminação. Estas são as constâncias da forma, do tamanho e da cor, respectivamente. Notemos que, no primeiro caso, na verdade o prato chega aos nossos olhos como uma elipse (e não um círculo); no segundo o avião atinge as nossas retinas como um objeto de tamanho ínfimo; e no terceiro, pode ser que a maçã se apresente arroxeadada, se iluminada por luzes azuis.

Todavia, nossos sentidos passaram por toda uma aprendizagem (estritamente ligada à linguagem)

O que é Realidade 27

e, ao vermos o prato, logo o conceito "circular" nos vem à mente; ao vermos o avião já sabemos que ele não pode ter o tamanho de uma caixa de fósforos, e ao conceito "maçã" imediatamente associa-se o conceito "vermelha". Quando aprendemos a desenhar e a pintar temos de nos treinar para suspendermos esta nossa linguagem conceitual, observando as coisas como elas chegam aos nossos olhos. O que os pintores chamados "primitivos", "ingênuos" ou *naives* não fazem é justamente esta suspensão: pintam mais através dos conceitos. Pintam o prato numa forma circular, seja qual for a perspectiva considerada. "De repente os olhos são palavras", assinala o poeta Pablo Neruda.

O ser humano move-se, então, num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos lingüísticos os preponderantes e básicos na edificação deste mundo, na construção da realidade. Como afirmou o filósofo Ludwig Wittgenstein, "os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo". Ou seja: o mundo, para mim, circunscreve-se àquilo que pode ser captado por minha consciência, e minha consciência apreende as "coisas" através da linguagem que emprego e que ordena a minha realidade. Assim, o real será sempre um produto da dialética, do jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo.

A EDIFICAÇÃO DA REALIDADE

"O interesse sociológico nas questões da 'realidade' e do 'conhecimento' justifica-se assim inicialmente pelo fato de sua relatividade social. O que é 'real' para um monge tibetano pode não ser 'real' para um homem de negócios americano. O 'conhecimento' do criminoso é diferente do 'conhecimento' do criminalista."
(P. Berger e T. Luckmann)

No primeiro parágrafo do capítulo introdutório foi feita a seguinte afirmação: o real é o terreno firme que pisamos em nosso cotidiano. Agora será preciso que se parta desta asserção, procurando compreendê-la dentro de um contexto mais específico.

Todos temos consciência, de uma maneira ou de outra, de que o mundo apresenta realidades

O que é Realidade 29

múltiplas, isto é, que há zonas distintas de significação. Frequentemente passamos de uma a outra dessas realidades e sabemos que cada uma delas exige-nos uma forma específica de pensamento e ação, que cada uma deve ser vivida de maneira peculiar. Quando saímos do cinema ou quando acordamos de um sonho, por exemplo, experimentamos a passagem de uma a outra dessas áreas distintas da realidade. O filme (a arte) e o mundo onírico apresentam-nos elementos que nossa consciência não mistura nem confunde com aqueles provenientes da vida cotidiana.

Como já afirmado anteriormente, a vida cotidiana à qual retornamos sempre é considerada por nós a realidade por excelência, a realidade predominante. Nosso cotidiano é o mundo estável e ordenado no qual nos movemos desembaraçadamente, devido à sua constância e à segurança que o conhecimento de que dispomos sobre ele nos dá.

Porém, mesmo o cotidiano não consiste num bloco monolítico de realidade: nele há também zonas mais próximas ou distantes de minha consciência. A realidade que me é mais palpável, aquela na qual tenho maior segurança, diz respeito ao mundo que se acha ao alcance de minhas mãos: mundo no qual atuo, trabalhando para alterá-la ou conservá-la. Aqui subjazem em minha consciência motivos essencialmente pragmáticos, ou seja, minha atenção se prende àquilo que estou fazendo, fiz ou pretendo fazer. A interpretação da realidade

30 João-Francisco Duarte Júnior

cotidiana fundamenta-se em propósitos práticos, propósitos que, em última análise, têm a ver com a nossa sobrevivência.

A partir dessa região mais clara e evidente de nosso dia-a-dia, outras vão se sucedendo e, à medida que se afastam de nossa possibilidade de manipulação, tornam-se mais obscuras. Por exemplo: uma pessoa todo dia ao dirigir-se para o trabalho, cruza a ponte sobre o rio que corta a cidade. De lá vê pescadores em suas margens, com os caniços nas mãos. Nunca tendo pescado, desconhece as técnicas da pesca e, mais especificamente, desconhece aquele rio em particular os tipos de peixe que existem ali, os melhores lugares para apanhá-los, as iscas que devem ser empregadas, etc. O rio e a pesca fazem parte de seu cotidiano, mas estão localizados numa área de realidade menos conhecida e manipulável do que a ocupada pelo seu trabalho no escritório.

Da mesma forma o terreiro de umbanda que este mesmo indivíduo vê às vezes em seus passeios. Ao passar pela sua porta ouve o som ritmado dos rituais, mas desconhece totalmente como eles se processam e o que se passa lá dentro. Esta é, para, ele, uma zona de realidade ainda mais obscura e distante do que aquela ocupada pelo rio e os pescadores.

O setor da realidade que me é mais claro e conhecido pode ser chamado de "não-problemático". Ali o meu conhecimento me habilita a viver

O que é Realidade 31

de maneira mais ou menos "mecânica", no sentido de não serem necessários novos conhecimentos ou novas habilidades para resolver as pequenas questões surgidas. Se, contudo, um problema inusitado aparece neste cotidiano, procuro resolvê-lo a partir do conhecimento já cristalizado pelo meu dia-a-dia, buscando integrar esta nova realidade problemática àquela não-problemática.

Diariamente, por exemplo, tomo determinado ônibus para chegar ao meu local de trabalho. Mas um dia uma greve dos motoristas daquela companhia gera-me um problema que me obriga a sair da rotina a fim de resolvê-lo. Busco então saber se outras companhias que não estão em greve têm linhas que me servem, ou se há colegas de trabalho na região onde moro que estejam dispostos a dividir um táxi comigo. O problema me obriga a procurar um novo conhecimento, que se integra então ao meu cotidiano já conhecido.

Como a vida cotidiana é dominada pelo espírito pragmático, a maioria dos conhecimentos de que dispomos para atuar nesta esfera é do tipo "receita". Ou seja: conhecimentos que me dizem como devo proceder para alcançar tais e tais propósitos determinados. Não se colocam aqui os "porquês", mas essencialmente o "como". Sei como utilizar o telefone, mas não por que, ao discar um certo número, meu amigo atende do outro lado da linha. Sei como ligar e sintonizar a TV, mas não posso explicar o fato de a imagem e

32 João-Francisco Duarte Júnior

o som saírem das estações transmissoras e serem captados pelo meu aparelho receptor. Assim, movemo-nos em nosso dia-a-dia baseados em conhecimentos práticos que não são questionados nem colocados em dúvida, a menos que um fato novo não possa ser resolvido nem explicado por eles.

Sendo nosso cotidiano considerado a realidade predominante, a linguagem que utilizamos nesta esfera da vida, com seus conceitos e "fórmulas", tende a ser também o nosso meio lingüístico predominante. Nossa interpretação do mundo fundamenta-se nesta linguagem: procuramos sempre compreender outras esferas da realidade a partir dela. As experiências que vivenciamos em outros campos de significação delimitados (como a arte e os sonhos) são por nós "traduzidas" para esta linguagem rotineira. Ao proceder assim é inevitável que ocorra uma certa "distorção" dos significados provenientes dessas outras áreas, na medida em que eles somente são expressos em sua plenitude através dos códigos que lhes são específicos.

Isto é facilmente verificável, por exemplo, numa exposição de artes plásticas, especialmente em se tratando da chamada "arte abstrata". O público não afeito aos códigos estéticos deste tipo de expressão fica, em geral, procurando encontrar nas obras formas e contornos que lhes são conhecidos: um animal, um rosto, uma árvore, etc. Fica buscando traduzir uma realidade um tanto obscura

o que é Realidade 33

naquela que lhe é conhecida e rotineira.

Estes outros campos de significação, portanto, são espécies de parênteses que se abrem dentro da realidade predominante, a da vida cotidiana. São "enclaves" que apresentam seus modos próprios de significação, o que vale dizer, de realidade. É sempre necessário um certo "esforço" para nos desligarmos da realidade cotidiana e penetrarmos nesses outros setores: é preciso que se abandone a linguagem e a visão rotineira do mundo. Anteriormente foram citados como exemplos desses "enclaves" a arte e a esfera onírica. Mas é preciso que se note que também as experiências religiosas (místicas), assim como o pensamento "teórico" (a filosofia e a ciência), fazem parte desses campos limitados de significação.

A questão científica será abordada no último capítulo, mas para que este ponto fique claro aqui, basta que se anotem dois exemplos. Em sua vida diária o químico que utiliza a água para beber, tomar banho, nadar ou regar o seu jardim percebe-a como fresca, límpida, suja, convidativa, etc. Passa a pensar nela como H₂O apenas quando, em seu laboratório, realiza suas experiências científicas. Ou então o cientista social que, em seu escritório, estuda os reflexos da má distribuição de renda na formação de uma população marginal. Ao ser roubado por um "trombadinha" na rua, reage como qualquer pessoa, independente de sua compreensão teórica do fato.

34 João-Francisco Duarte Júnior

A realidade preponderante é sempre a do dia-a-dia, e já foi afirmado que mesmo esta realidade possui uma região que é mais clara e evidente (aquela ao alcance de nossa manipulação). À medida que me afasto desta esfera, meus conhecimentos vão se tornando mais obscuros e nebulosos, como se a totalidade do mundo fosse uma região de penumbra da qual se destaca a zona mais iluminada do cotidiano. Sei que existem os pescadores e suas técnicas logo ali, mas ignoro este conhecimento que lhes é peculiar. Sei que existem terreiros de umbanda, e ignoro ainda mais o seu modo de funcionamento. E sei, num caso extremo, que os norte-americanos chegaram à Lua, porém todo o processo envolvido nesta viagem me é totalmente ignorado.

Percebe-se, desta forma, que existe um cabedal de conhecimentos que é socialmente distribuído. Meu saber habilita-me a viver o meu dia-a-dia e, à medida que determinadas zonas da realidade se afastam do meu cotidiano, o conhecimento de que disponho sobre elas torna-se mais e mais esquemático. Há esferas do real cujo domínio pertence apenas a pessoas altamente especializadas e que, estando distantes de nossa manipulação, são-nos totalmente obscuras. Se é impossível conhecermos tudo o que outros conhecem, todavia é importante que saibamos como o conhecimento está distribuído pela sociedade, ao menos em linhas gerais.

Ou seja: é preciso que tenhamos em mente a

quem devemos recorrer quando um determinado fato nos obriga a buscar um saber específico. Por exemplo: não sei como funciona o meu televisor, mas devo saber a quem tenho de recorrer quando ele apresenta algum defeito. Não sei como me curar de uma doença que me acomete, mas sei como fazer para consultar um médico que poderá me tratar. Assim, o saber de como o saber está repartido pelo corpo social onde vivemos é um dos mais importantes conhecimentos de que dispomos, possibilitando-nos que penetremos naquelas esferas que estão distantes de nosso cotidiano.

Em nossas modernas sociedades, tendo o conhecimento se especializado em graus altamente específicos, às vezes é necessário que recorramos a profissionais que nos indiquem quais outros profissionais podem resolver o nosso problema. Consultamos primeiramente um "clínico geral", e ele nos encaminha ao médico especialista naquele tipo de enfermidade que nos acomete. Recorremos a um amigo despachante, e ele nos indica os passos que devemos dar e as repartições públicas que temos de percorrer para legalizarmos a compra de um imóvel.

Migrantes que provêm do meio rural ou de pequenos vilarejos, ao se defrontarem com uma metrópole freqüentemente sofrem um sério abalo justamente por penetrarem numa realidade extremamente complexa sem disporem de uma visão de como o conhecimento está ali distribuído.

36 João-Francisco Duarte Júnior

É comum ouvir-se deles afirmações como: "vim para cá a fim de encontrar-me com meu amigo fulano e pensei que, perguntando, todo mundo soubesse onde ele mora", ou ainda "pensei que bastava ficar na praça da igreja no domingo para me encontrar com ele, saindo da missa". O esquema de realidade trazido por eles de seus locais de origem deixa de funcionar nesta nova realidade, torna-se inoperante.

A partir do exposto nestas últimas páginas você pode perceber que a realidade não é simplesmente construída, mas socialmente edificada. A construção da realidade é um processo fundamentalmente social: são comunidades humanas que produzem o conhecimento de que necessitam, distribuem-no entre os seus membros e, assim, edificam a sua realidade. Ao longo das páginas seguintes esse aspecto social da construção da realidade irá se tornando mais claro. Sigamos com o nosso raciocínio.

Como foi visto, a construção da realidade depende da maneira como o conhecimento é disposto na sociedade, o que fornece a ela uma certa estrutura. A estrutura social é basicamente construída sobre a gama de conhecimentos de que se dispõe socialmente, entendendo-se conhecimento aí não apenas em seu sentido "teórico", mas também "prático"; o acervo de conhecimentos vai desde as fórmulas manipuladas pelos cientistas até o saber necessário para se assentar as pedras de um calçamento, por exemplo. A distribuição do

o que é Realidade 37

conhecimento é também a distribuição do trabalho.

Esta estrutura social está assentada no cotidiano das pessoas sobre um processo denominado *tipificação*, processo este que impõe padrões de interação entre os indivíduos. Ou seja: percebemos o outro com o qual interagimos sempre a partir de determinadas "classificações", que os colocam dentro de certos "tipos". Assim, vejo meu interlocutor, por exemplo, como "homem", "brasileiro", "comerciante", "brincalhão", "casado", etc. Apreendemos os outros a partir desses esquemas de tipos existentes em nossa sociedade, esquemas estes que padronizam nossas interações, contribuindo para a estabilidade da realidade cotidiana.

Não apenas o outro é apreendido como um tipo, mas também as situações nas quais interagimos são tipificadas. Há por exemplo a relação típica de "compra e venda", a de "consulta médica", a de "professor-aluno", etc. Em cada uma delas sabemos de antemão quais são os comportamentos adequados ou não., e o que podemos esperar do outro em termos de atitudes típicas.

Nas interações ditas "face a face", especialmente em contatos mais íntimos, esses padrões tipificados são mais fluidos. Junto àqueles que fazem parte de meu "círculo íntimo" há uma maior liberdade e espontaneidade na minha ação, que não se prende rigidamente às tipificações. A medida, porém, que minhas relações vão se afastando do "aqui e agora" os esquemas tipificadores tornam-se

38 João-Francisco Duarte Júnior

mais fortes e atuantes. No outro pólo deste contínuo de relações encontram-se aquelas situações onde os outros se apresentam como abstrações inteiramente anônimas. Se escrevo uma carta ao gerente comercial de uma determinada firma solicitando-lhe catálogos e listas de preços de seus produtos, por exemplo, ele se apresenta a mim especificamente como "gerente comercial": um tipo esquemático sem qualquer sinal de individualidade ou traços de personalidade.

Assim, apreendemos a realidade social da vida cotidiana como um contínuo de tipificações, que vai desde as situações face a face até aquelas abstratas e anônimas onde o outro é tão-somente um tipo. A

estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões de interação produzidos por elas. A construção social da realidade depende, pois, fundamentalmente de uma estrutura social estabelecida e conhecida (ao menos em suas linhas gerais) pelos seus membros. É esta estrutura relativamente estável que permite que os indivíduos se movimentem com desembaraço dentro da realidade cotidiana.

Falando das tipificações e da estrutura social delas decorrente estamos nos referindo também à formação de hábitos, isto é, nossos comportamentos e ações apenas podem tornar-se habituais (e portanto conhecidos e previsíveis) se houver uma certa rotina padronizada. Se a cada passo estivéssemos tateando num meio novo e

o que é Realidade 39

imprevisível seria impossível adquirirmos uma visão estável do mundo, seria impossível a construção da realidade: estaria implantado o caos. O real a que nos habituamos na vida cotidiana depende desta ordem e de seus padrões de interação humana, o que nos garante a formação de hábitos e rotinas

Posto este conceito de tipificação e da estrutura social que dele se deriva podemos abordar agora a questão da institucionalização, ou seja, das instituições criadas na e pela sociedade. A institucionalização nada mais é que uma decorrência da tipificação recíproca entre pessoas em interação, de forma que tal tipificação seja percebida por outros de maneira objetiva, ou seja, constituindo *papéis* que podem ser desempenhados por outras pessoas. Melhor dizendo: na medida em que certas ações adquirem um padrão, com base nas tipificações, essas ações podem vir a ser executadas por diversos outros indivíduos da mesma maneira. A instituição significa o estabelecimento de padrões de comportamento na execução de determinadas tarefas, padrões estes que vão sendo transmitidos a sucessivas gerações

Imaginemos dois indivíduos que sofrem um acidente de avião e caem em meio à selva. Escapando ilesos, logo iniciam uma série de procedimentos que lhes permitam sobreviver e serem localizados pelas equipes de salvamento. O piloto, pelo seu conhecimento de como usar a bússola e outras formas de orientação, sai explorando os

40 *João-Francisco Duarte Junior.*

arredores e fazendo sinais nas clareiras próximas. O passageiro, sendo um caçador, incumbe-se de providenciar a alimentação de que necessitam. Toda manhã ambos saem para suas tarefas específicas, e eventualmente observam-se mutuamente a realizá-las. Cada um passa então a tipificar o comportamento do outro, isto é, passa a estabelecer para si próprio um modelo de como se realiza esta ou aquela tarefa executada pelo companheiro. Cada um aprende a seqüência de procedimentos necessários para a orientação ou a caça, podendo vir a desempenhá-la, o papel de caçador ou sinalizador se houve, necessidade

O que aconteceu aqui? O mais importante é que os comportamentos de ambos tornaram-se padronizados e, portanto, previsíveis para o outro. O sinalizador sabe que o caçador, depois de armar o laço, deverá cobri-lo com folhas e gravetos, e o caçador por sua vez sabe que o sinalizador, depois de atear fogo em galhos secos, colocará folhas verdes na fogueira para produzir fumaça

Neste exemplo ainda não existe uma instituição no sentido exato do termo, mas apenas o germen dela. Não há uma instituição por não haver outros indivíduos que percebam "de fora" como os dois realizam suas tarefas; por não haver quem os perceba como executantes de determinados papéis dentro daquele contexto, e que possam vir a substituí-los naquela "organização". À medida, porém, que esta organização devesse ser transmitida a novas gerações, ela se tornaria uma instituição. Os aprendizes perceberiam a instituição "caça-sinalização" como algo objetivo, como uma realidade dada, já pronta, que exige tais e tais comportamentos de seus membros. Note que os dois sobreviventes construíram juntos o seu mundo, a sua realidade ali na selva. Ela foi estabelecida pela divisão de tarefas e conseqüente tipificação recíproca. Ambos sabem que esta sua incipiente instituição foi criada por eles e que pode ser alterada a qualquer momento, se necessário. Percebem-se como executantes de papéis cujo *script* foi elaborado por eles mesmos. Mas imaginemos agora que os dois encontrem por ali duas crianças (únicos sobreviventes de uma tribo da redondeza - façamos um pouco de literatura). Essas crianças são adotadas por eles e tornam-se aprendizes de suas tarefas. Passam a aprender a executar os papéis que os adultos cumprem em sua instituição de caça-sinalização. Esta realidade será então apreendida pelos meninos como algo objetivo, algo não criado por aqueles homens. Se, por exemplo, o sinalizador sempre que acende a sua fogueira faz uma fumaça com a mão esquerda e olha para o céu, provavelmente seu aprendiz passará, no futuro, a fazer exatamente da mesma forma, pois este comportamento é aprendido como necessário à manutenção da instituição. Isto será feito não por qualquer eficácia daí decorrente, mas porque "é assim que se faz", isso é "o que a

instituição exige".

Este exemplo quase simplista tem a finalidade de colocar um ponto de fundamental importância na compreensão de como se edifica socialmente a realidade. As instituições têm sempre uma origem histórica, ou seja, surgiram com uma finalidade específica, tendo sido criadas desta ou daquela maneira pelos seus iniciadores. Contudo, na medida em que são transmitidas às gerações posteriores elas se "cristalizam", quer dizer, passam a ser percebidas como independentes dos indivíduos que as mantêm. Os papéis exigidos por elas podem ser preenchidos por qualquer um, já que estão estabelecidos e não podem variar segundo vontades individuais. As instituições passam a ser percebidas como estando acima dos homens, passam a ter uma espécie de vida independente. É como se as instituições tivessem uma realidade própria, cuja existência não mais é percebida como criação humana. Elas adquirem uma objetividade, uma solidez de coisa dada. É extremamente difícil para os indivíduos perceberem que a estrutura social onde vivem é assim porque os homens a fizeram e a mantêm assim. Ela se apresenta a nós sempre como uma coisa objetiva afinal, estava aí antes de nascermos e continuará depois de nossa morte.

Este fenômeno é chamado de *reificação*, nome derivado da palavra latina *res*, que significa "coisa". A realidade, construída socialmente, é sempre

o que é Realidade 43

reificada, ou seja, transformada em coisa: adquire o mesmo estatuto das coisas naturais, dos objetos físicos. Neste sentido é que a institucionalização, sobre a qual se edifica a realidade, possui em si um controle social: ao ser percebida como algo dado, estabelecido, evita que os indivíduos procurem alterá-la. A instituição é soberana, os homens devem adaptar-se a ela, cumprindo os papéis já estabelecidos. Quem já não ouviu uma frase como: "pessoalmente não queria fazer isso, mas tive de fazê-lo porque a instituição o exige"?

Tome-se o casamento, por exemplo, como uma instituição arraigada em nossa cultura. Apesar de ele vir sofrendo questionamentos e alterações, e de apresentar pequenas diferenças em alguns outros países, sua essência se mantém para a grande maioria da população. Em relação a ele é bastante frequente ouvirmos afirmações como: "se dependesse de mim eu não teria me casado dessa maneira tradicional, em igreja e cartório, porém não tive escolha, era a única forma aceita socialmente"; ou ainda: "eu não escolhi me casar, tudo já estava preparado desde o meu nascimento para que eu me casasse". A grande maioria da população, pelo menos aparentemente, crê que a única forma "correta", "ética", "direita", de um relacionamento amoroso entre homem e mulher ocorrer é através dos papéis de marido e de esposa que a instituição exige. Todavia, se tomarmos outras culturas, especialmente aquelas ditas "primitivas",

44 João-Francisco Duarte Júnior

veremos que este relacionamento ocorre institucionalmente de maneiras as mais variadas: suas realidades são construídas de modos diferentes.

Esta é a estranha dialética que rege o mundo humano: o homem cria sua realidade através das instituições, que lhe dão uma estrutura social, mas passa então a ser "condicionado" por tais instituições. O poeta Vinícius de Moraes anota esteticamente este ponto ao dizer: "Mas ele desconhecia / Este fato extraordinário / Que o operário faz a coisa / E a coisa faz o operário."

A realidade, socialmente edificada através da institucionalização, por este jogo dialético da reificação apresenta-se então aos homens como um dado objetivo e coercitivo, que lhes determina a consciência. Em linhas gerais pode-se notar que este processo possui três momentos: 1) a conduta humana é tipificada e padronizada em papéis, o que implica o estabelecimento das instituições (a realidade social é um produto humano); 2) a realidade é objetivada, ou seja, percebida como possuindo vida própria (o produto - a realidade - "desliga-se" de seu produtor - o homem); 3) esta realidade tornada objetiva determina a seguir a consciência dos homens, no curso da socialização, isto é, no processo de aprendizagem do mundo por que passam as novas gerações (o homem torna-se produto daquilo que ele próprio produziu).

É preciso que se entenda claramente esta dialética

o que é Realidade 45

que perfaz o mundo social humano, em suas três fases distintas, a fim de que não se fique com uma visão simplificada e mecanicista do processo. Nossa consciência é determinada socialmente, ou seja, as instituições e padrões de conduta delas decorrentes exercem sobre nós um efeito "educativo", condicionando-nos para a vida em sociedade. Porém, sendo tais instituições criadas e mantidas por nós, elas são passíveis de sofrerem mudanças e alterações através de esforços deliberados neste sentido (se assim não fosse não haveria a história). A palavra "esforço", aí, é empregada em sua mais ampla acepção, pois que, como já visto, nossa consciência requer um certo trabalho para "desligar-se" das condições que a determinam, pensando-as e procurando compreendê-las "de fora". Ao se fazer ciência e filosofia, por exemplo, o esforço requerido à consciência é justamente o de procurar desligar-se o máximo possível das

concepções cotidianas da realidade, refletindo sobre as condições e processos em que tais concepções são erigidas.

Resta-nos, porém, considerar um dado fundamental neste mecanismo de construção da realidade através das instituições sociais. Trata-se da ação do sistema lingüístico, ferramenta básica na criação do mundo humano, como exposto no capítulo anterior. Ao serem estabelecidas, as instituições são sempre acompanhadas de um correspondente esquema explicativo e normativo

46 João-Francisco Duarte Júnior

que, por meio da linguagem, conceitua-as e determina regras para o seu funcionamento. A isto chama-se de *legitimação*. As instituições são legitimadas por meio da linguagem: as razões de sua existência são traçadas e transmitidas conceitualmente (vale dizer, lingüisticamente), bem como as normas para o seu funcionamento. Essas normas, dentro da realidade da vida cotidiana, assumem aquele caráter de "receita" já referido, ou seja, para penetrarmos e nos movermos dentro de tal instituição devemos proceder desta ou daquela forma, segundo os seus preceitos pragmáticos. O primeiro conhecimento que temos, relativo à ordem institucional, está situado a nível pré-teórico, no sentido de não ser um conhecimento elaborado mais abstratamente, em torno dos "porquês", e sim praticamente com relação ao "como". Se desejo legalizar a compra de um imóvel, por exemplo, sei que devo dirigir-me a um cartório de registro de imóveis a fim de passar uma escritura - este é o conhecimento pragmático de que disponho, num primeiro nível.

O segundo nível de legitimação contém proposições teóricas, mas ainda em forma rudimentar. Aqui estão presentes alguns esquemas explicativos que podem relacionar o conhecimento pragmático referente a diversas instituições, integrando-os entre si. Se me perguntam por que ao comprar o imóvel devo registrá-lo em meu nome, posso

Q que é Realidade 47

responder que isso assegura perante a lei que sou o seu legítimo dono, e ainda que os poderes públicos necessitem desses registros a fim de cobrar os impostos devidos aos cidadãos.

No terceiro nível de legitimação encontram-se teorias explícitas que legitimam uma instituição em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos, isto é, conhecimentos específicos e com um nível maior de abstração. Possuem um grau mais elevado de complexidade e estão entregues a especialistas naquele setor institucional. Para se adquirir este conhecimento faz-se necessário um aprendizado formal do assunto. No exemplo anterior da compra do imóvel, há todo um conhecimento a respeito de leis e normas jurídicas que regulam a matéria e que são de domínio dos donos e funcionários dos cartórios, bem como de advogados. E a estes especialistas que devemos recorrer no caso de uma questão referente à regularização desta situação que não pode ser resolvida com o conhecimento pragmático de que dispomos.

O quarto e último nível de legitimação da ordem institucional denomina-se *universo simbólico*. O universo simbólico consiste num corpo teórico de conhecimentos que busca uma integração entre os diferentes setores de uma dada ordem institucional num esquema lógico e consistente. Neste nível procuram-se essencialmente os porquês, sem qualquer vestígio de pragmatismo. Quer dizer:

48 João-Francisco Duarte Júnior

O universo simbólico compõe-se de teorias que justificam e explicam o porquê de uma instituição existir e em que se fundamenta o seu funcionamento, sem nenhuma alusão aos esquemas práticos de seu dia-a-dia. Também ele está a cargo de especialistas e depende de um processo formal para a sua aprendizagem.

Voltando ao nosso exemplo, encontramos juristas que podem nos explicar teoricamente como se estruturam as leis de uma nação, dentre as quais acham-se aquelas que dispõem sobre a propriedade privada. Além disso, um filósofo poderia discutir as origens de tais propriedades na história humana, mostrando, por exemplo, como a partir delas surge todo um sistema de dominação e exploração do trabalho através da luta de classes. Note porém que nenhuma dessas teorias nos fornecem receitas de como devemos, proceder para legalizarmos a compra que fizemos: não existem alusões à vida cotidiana no universo simbólico.

Antes de serem discutidos alguns outros aspectos com relação aos universos simbólicos convém que se aporem alguns pontos relevantes a respeito da legitimação institucional.

Primeiramente deve-se notar que a lógica (ou a coerência) não reside nas instituições e em seu funcionamento, mas na maneira como elas são tratadas na reflexão e pensamento dos homens.

Quer dizer: as instituições ganham um sentido e

o que é Realidade 49

uma (aparente) coerência ao serem legitimadas, vale dizer, ao serem pensadas e explicitadas através da linguagem. Muitas vezes os porquês da existência de uma instituição e o seu modo de funcionamento, tal como são verbalizados e transmitidos às novas gerações, são diversos dos motivos reais que a fazem

existir e operar. A linguagem cria uma lógica e uma explicação, imprimindo-as então à instituição, e nós, pelo processo de reificação já descrito, acreditamos que esta legitimação provenha da organização institucional mesma.

Este fato, quando ocorre de maneira que a explicação lingüística seja diferente (ou mesmo radicalmente inversa) dos reais motivos das instituições, recebe o nome de *ideologia*. Dito mais claramente: a ideologia é uma explicação com respeito a instituições e fatos sociais que esconde seus verdadeiros porquês. A ideologia é uma legitimação a qual, mais do que aclarar as motivações intrínsecas às instituições, procura ocultá-las através de um sistema explicativo qualquer. Quase sempre a ideologia serve aos interesses de determinados grupos sociais ao esconder a realidade das instituições e criar lhes uma outra através da palavra, mesmo que esses grupos não tenham consciência disso. Uma discussão mais ampla a respeito desta questão fugiria dos limites deste texto, mas ela fica, aqui, anotada como um processo importante na construção social da realidade.

Como desdobramento deste fato convém notarmos

50 João-Francisco Duarte

que a legitimação não só pode criar explicações para a existência e funcionamento da ordem institucional como também inventar uma origem histórica para ela. Ou seja: ao longo da história: as origens de uma determinada solução podem ser recriadas pelo processo lingüístico que a acompanha, gerando tradições, lendas e mitos em torno de suas origens.

Alguns exemplos deixarão mais claros estes três últimos parágrafos. E comum ouvir-se que os pobres só são pobres porque não se esforçam e não trabalham o suficiente para progredirem e, assim, ascenderem socialmente. Esta idéia esconde o fato de que nossas sociedades capitalistas são estruturadas de maneira a garantir que as classes economicamente inferiorizadas assim permaneçam, mantendo-se a divisão de classes; tal asserção ("os pobres são preguiçosos") retira desta divisão de classes (baseada na propriedade privada) a causa da pobreza, colocando-a sobre o ombro dos indivíduos, isto é: o que é efeito torna-se causa, invertendo-se a relação através da ideologia.

Outro exemplo. Na Igreja católica afirma-se que a instituição do celibato para religiosos foi criada a fim de que estes pudessem dedicar todo o seu tempo ao trabalho, sem preocupações com uma família. Contudo, sabe-se que o celibato foi instituído quando a Igreja corria o risco de ver seu capital dispersar-se, caso os religiosos se casassem e tivessem suas posses transferidas a

o que é Realidade 51

...a ideologia é uma explicação com respeito a instituições e fatos sociais que esconde seus verdadeiros porquês.

52 João-Francisco Duarte Junior

herdeiros. O celibato como proteção do trabalho é uma origem inventada posteriormente.

Mas já é tempo de se voltar ao universo simbólico - o nível mais alto de legitimação -, onde as construções teóricas estão totalmente distantes da realidade pragmática do cotidiano. A função do universo simbólico consiste em integrar num corpo único de conhecimentos (numa teoria) todas as experiências possíveis dentro de uma instituição ou de um conjunto de instituições (uma sociedade). Através do universo simbólico podem-se explicar quaisquer fatos ocorridos dentro daquela realidade em termos dos significados que este universo provê.

De certa maneira os universos simbólicos, ou mecanismos conceituais de integração e explicação da realidade, pertencem a um desses quatro tipos: mitológicos, teológicos, filosóficos ou científicos. Ao contrário dos universos simbólicos mitológicos, os outros três são de propriedade de elites de especialistas, cujos corpos de conhecimentos estão afastados do conhecimento comum da sociedade. É a eles a quem o "leigo" deve recorrer no caso de não conseguir interpretar e integrar em seu conhecimento cotidiano uma determinada experiência por ele vivida ou presenciada.

Os universos simbólicos (ou teorias) são criados para legitimarem, num nível genérico, as instituições sociais já existentes, encontrando-lhes explicações e integrando-as num todo significativo. Porém, o inverso também pode ser verdadeiro; quer dizer:

=

o que é Realidade 53

instituições sociais podem vir a ser modificadas a fim de se conformarem com teorias já construídas, tornando-as assim mais "legítimas". Esta é então a essência da dialética que rege as transformações sociais, onde alterações na prática cotidiana das instituições obrigam a mudanças nas teorias, mas também mudanças nas teorias levam a alterações na prática institucional. Privilegiar um dos dois sentidos deste fluxo de alterações é romper com a compreensão dialética da história. Em resumo: transformações objetivas nas instituições (que alguns diriam, na infra-estrutura social) conduzem a transformações no corpo de conhecimentos, nas idéias (que alguns diriam, na superestrutura social), e vice-versa.

É preciso notar-se assim o poder realizador das teorias, isto é, sua capacidade potencial de tornar reais os seus conceitos, no sentido de fazê-los retornar, do universo simbólico onde foram produzidos, à vida cotidiana dos indivíduos. Isto é, particularmente verificável no âmbito das ciências humanas, especialmente no da psicologia. Por exemplo: depois da psicanálise de Freud, grande parte de seus conceitos se incorporaram à linguagem cotidiana das pessoas, que passaram então a perceber em si mesmas e nos outros as manifestações de tais conceitos, tornando-os "reais" em seu dia-a-dia.

Para concluir este capítulo convém notarmos que em nossas modernas sociedades, ditas

54 João-Francisco Duarte Júnior

pluralistas, ocorre a existência de inúmeros universos simbólicos que coexistem pacificamente ou mesmo se entrecrocavam. Cada grupo de "especialistas" tende a ter uma perspectiva sobre a sociedade (isto é, sobre a realidade) a partir de seu universo simbólico particular. Isto torna extremamente difícil o estabelecimento de uma cobertura simbólica estável e válida para a sociedade inteira, tal como encontrada nas sociedades "primitivas".

O que parece ocorrer é a existência de um universo simbólico mais alargado e vago sobre o qual todos concordam, e cujas falhas ou deficiências são supridas pela conceitualização proveniente dos universos parciais mais especializados.

Esta situação pluralista é, inclusive, o que torna mais rápidas e mais fáceis as mudanças sociais, por não haver um único universo simbólico estável e estabelecido regendo toda e qualquer experiência no interior da sociedade. O pluralismo da civilização acelerou as transformações e, de certa forma, obrigou o desenvolvimento de uma tolerância maior entre os grupos que apresentam diferenças em suas visões da realidade.

Como última afirmação é interessante que você perceba o que estamos fazendo neste pequeno texto. Na medida em que estamos pensando nos mecanismos de construção da realidade, desde as tipificações até os universos simbólicos, estamos elaborando uma teoria sobre as teorias. Melhor dizendo: ao construirmos uma conceitualização sobre

o que é Realidade 55

o funcionamento das estruturas sociais e os universos simbólicos delas decorrentes estamos, por assim dizer, construindo uma legitimação de segundo grau. Uma legitimação que, em última análise, procura explicar o funcionamento do mais alto nível de legitimação da realidade social: o universo simbólico. Ao refletirmos sobre como a realidade é edificada estamos construindo também uma realidade conceitual que pretende legitimar o processo todo.

A MANUTENÇÃO DA REALIDADE

"Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos."
(P. Berger e T. Luckmann)

A organização da sociedade está assentada, como vimos, basicamente sobre as instituições e as legitimações dela decorrentes. As instituições corporificam-se na vida cotidiana dos indivíduos através dos papéis que estes devem desempenhar para fazer parte delas. Ao participarmos da instituição "escola", por exemplo, ou assumimos o papel de professor, ou o de aluno, ou o de funcionário técnico-administrativo. Cada um deles prescreve-nos modos específicos de

o que é Realidade 57

comportamentos e, se porventura passarmos a desempenhá-los de forma não prevista, estaremos subvertendo a ordem institucional, desencadeando então a ação de certos mecanismos controladores que procurarão "corrigir" a nossa conduta.

O estabelecimento de papéis, isto é, de modos padronizados de comportamento, já é um primeiro instrumento protetor de que se valem as instituições a fim de se preservarem. Para que as instituições funcionem ordenadamente, de forma previsível, faz-se necessário este jogo de papéis, que retira das pessoas a possibilidade de condutas baseadas apenas em seus desejos individuais. Neste sentido é que foi comentado no capítulo anterior o fato de as instituições serem coercitivas e se sobreporem à individualidade de seus membros.

E claro que o grau de rigidez e de estereotipia exigido no desempenho dos papéis depende do tipo de instituição em que se está e do tipo de sistema político maior que rege a sociedade. Numa universidade, por exemplo, o professor tem maior flexibilidade e uma maior margem de criação individual no desempenho de seu papel do que o soldado no quartel; e ambos, numa sociedade democrática, possuem mais espaço para manifestar sua individualidade do que numa sociedade totalitária.

Aliás, é justamente esta margem de individualidade dentro dos papéis que possibilita a evolução e alteração das instituições a partir de suas bases, ou seja, da conduta de seus membros. Na medida

em que se vão criando novas formas de desempenho de um papel isto acarreta, conseqüentemente, alterações no modo de funcionamento da instituição. No entanto, este processo é lento, pois as instituições possuem mecanismos estabilizadores que as protegem de mudanças bruscas ao sabor da vontade de seus membros.

Ao nível das legitimações, isto é, das explicitações lingüísticas que acompanham as instituições, a proposição de maneiras alternativas de se compreendê-las talvez seja mais facilmente verificável e até mesmo mais tolerável, na medida em que uma "teoria" divergente sobre a realidade não implica, necessariamente, uma mudança imediata nesta estrutura. Contudo, visões divergentes que surjam no interior de um dado universo simbólico contêm em si o gérmen da subversão, e a ordem institucional procura também se proteger dessas "heresias".

Um ponto, porém, deve ficar claro: é impossível ao indivíduo sozinho manter uma concepção discordante do universo simbólico em que está. Sozinho ninguém constrói uma (nova) realidade. Alternativas a um determinado universo simbólico apenas são possíveis quando sustentadas por um grupo de indivíduos divergentes, que mantêm e compartilham entre si esta diferente visão da realidade. Uma única pessoa com uma proposição divergente é facilmente classificada como "louca", "marginal", "imoral", "doente", etc., e facilmente

o que é Realidade 59

...é impossível ao indivíduo sozinho manter uma concepção discordante do universo simbólico em que está. Alternativas a um determinado universo simbólico apenas são possíveis ...

60 João-Francisco Duarte Júnior

isolada do convívio dos demais a fim de ser submetida a processos "terapêuticos" que procuram fazê-la retornar à realidade estabelecida pelo universo simbólico predominante.

Todo universo simbólico, então, contém em si mecanismos conceituais de autoproteção destinados: a destruir possíveis oposições que possam surgir no seu interior. Antes de nos determos mais demoradamente nos tipos e modos de funcionamento desses mecanismos, vejamos uma pequena fábula originária da Argentina, aqui contada resumidamente, e que ilustra esses mecanismos protetores das instituições e universos simbólicos.

Num tempo em que os homens ainda não se alimentavam da carne de animais, um incêndio consumiu um bosque onde havia inúmeros porcos. Alguém que por ali passava, após a extinção das chamas, resolveu experimentar aqueles porcos assados e descobriu que eram palatáveis. Logo a notícia se espalhou e os homens passaram a comer porcos assados, que eram então preparados da maneira original, isto é, reuniam-se os animais num bosque e ateava-se fogo à vegetação. Esta instituição de cozimento de porcos foi crescendo e começaram a surgir especialistas: especialistas em tipos de bosques, em ventos, em atear fogo no setor norte, no setor sul, leste, oeste, especialistas em reflorestamento, especialistas no ponto da mata em que os animais deveriam ser colocados, etc. Enfim, toda uma parafernália para fazer progredir e aperfeiçoar

o que é Realidade 61

a instituição foi criada.

Realizavam-se então congressos anuais onde técnicas e inovações dentro de cada especialidade eram apresentadas e discutidas. Até que um dia um indivíduo procurou o presidente da organização e apresentou-lhe uma proposta que implicaria uma radical mudança na instituição, talvez no seu fim: bastaria que os porcos fossem mortos e colocados numa grelha, sob a qual se acenderia uma pequena fogueira. Imediatamente o presidente fez-lhe ver o absurdo de sua proposição, pois que ela geraria o desemprego para milhares de especialistas, além de abalar a confiança que o restante da sociedade manifestava com relação ao saber que eles detinham. Mostrou-lhe ainda que, pensando daquela maneira, revelava-se um perigoso elemento subversivo que poderia levar a sociedade ao caos, ainda mais ao propugnar métodos violentos que implicavam os homens matarem os animais com suas próprias mãos. O presidente então, num rasgo de "generosidade", disse ao dissidente que daquela vez ele seria perdoado, mas com a condição de nunca revelar a ninguém aquela idéia tão herética. E assim os homens continuaram a atear fogo nos bosques e a instituição foi mantida.

Os mecanismos de manutenção dos universos simbólicos (e das instituições) são de dois tipos: *terapêuticos* e *aniquiladores*. O presidente da fábula acima empregou o terapêutico, ou seja, fez ver ao membro dissidente que sua visão era equivocada,

falsa, doentia, fazendo-o então voltar a ver a realidade da maneira correta, quer dizer, da maneira prescrita pela instituição e seu universo simbólico.

A solução terapêutica das divergências surgidas dentro de um universo simbólico implica que este universo possua, em seu corpo de conhecimentos, três mecanismos específicos: 1) uma teoria da dissidência; 2) um aparelho de diagnóstico e 3) um sistema para a "cura" propriamente dita

A teoria da dissidência já prevê conceitualmente a possibilidade de surgirem desvios naquele universo simbólico e procura construir todo um arcabouço teórico que explique como e por que indivíduos se desviam da "correta" visão da realidade. Esta teoria funciona como uma espécie de manual de patologia, digamos assim, postulando e conceituando os tipos de "enfermidades" que podem acometer os seus membros e as causas de sua ocorrência. Numa tribo indígena, por exemplo, onde todos devem dividir os produtos da caça, pesca ou lavoura, um indivíduo que se recusa a assim proceder receberá uma determinada "etiqueta" classificatória e o seu comportamento será explicado por meio de uma teoria qualquer, como: o seu caso é de possessão pelo espírito do mal.

O aparelho diagnóstico destina-se a detectar "sintomas" nos indivíduos com propensão à divergência ou já imersos nela. Também consiste

O que é Realidade 63

num mecanismo conceitual que interpreta esses sinais a partir da teoria da dissidência, bem como uma série de procedimentos destinados ao exame dos membros suspeitos de divergência. O índio do exemplo acima, ao sair para a caça e por vários dias seguidos não trazer nada, apresenta um comportamento que pode estar indicando que ele esteja escondendo para si os produtos de sua atividade. Nas ditaduras ferrenhamente anticomunistas, a leitura de determinados autores ou o emprego de determinadas palavras são indicadores, para as forças repressoras, de que o indivíduo está contaminado pela "doença do comunismo".

O mecanismo de "cura", após detectado o desviante e classificada a sua "patologia", consiste então em fazê-lo retornar ao universo simbólico que ele abandonou. As técnicas empregadas podem ser as mais variadas possíveis, mas todas dizem respeito a uma "reeducação", isto é, procuram fazer com que o desviante abandone a visão dissonante e recomece a interpretar a realidade a partir do universo simbólico predominante. O índio pode ser despojado de todos os seus pertences pessoais e submetido aos métodos exorcistas do pagé. O comunista pode ser preso e torturado até se tornar confuso e abdicar de suas idéias.

Note que todos esses mecanismos e procedimentos são uma forma de controle social, uma forma de se assegurar que os membros da instituição ou sociedade em questão compartilhem da

64 João-Francisco Duarte Júnior

mesma interpretação da realidade. Do exorcismo à psicanálise, da assistência pastoral às polícias políticas, todas seguem este mesmo esquema terapêutico.

E o mecanismo conceitual para a terapêutica, empregado num determinado universo simbólico, pode ainda ser extremamente desenvolvido a ponto de conceituar (e assim liquidar) quaisquer dúvidas que porventura sejam sentidas, pelo desviante ou pelo terapeuta, com relação à própria terapêutica. Quer dizer: essas dúvidas são explicadas como um dos sintomas mesmo do desvio. Na psicanálise, por exemplo, as dúvidas do paciente são classificadas como "resistência" (à terapia), e as do terapeuta como "contra-transferência".

A terapêutica é, portanto, um mecanismo destinado a manter os indivíduos divergentes dentro do universo simbólico que interpreta a realidade. Ela é empregada contra os "heréticos internos", ou seja, contra aqueles que pertencem à instituição ou à sociedade em questão e que começam a apresentar divergências quanto à maneira de entender e/ou de agir naquela realidade.

O segundo mecanismo autoprotetor de que se valem os universos simbólicos, a aniquilação, não se destina aos desviantes internos, e sim aos divergentes localizados fora de seu âmbito. Quando uma sociedade defronta-se com outra, cuja história e modo de vida são muito diferentes dos seus,

o que é Realidade 65

ocorre um confronto entre distintos universos simbólicos, isto é, entre diferentes realidades. Isto gera um problema bem mais agudo do que o criado por dissidentes internos, pois nesse caso há uma alternativa entre dois universos simbólicos fortemente estabelecidos: ambos possuem uma tradição "oficial". É mais fácil um universo ter de tratar com grupos minoritários de divergentes, cuja postura pode ser definida como "ignorância" ou "patologia", do que enfrentar outra sociedade que considera este próprio universo como equivocado ou patológico.

Neste embate o que acontece é que um universo procura enfrentar o outro munido das melhores razões possíveis a fim de provar sua própria superioridade e a inferioridade do oponente. Note ainda que o simples aparecimento deste universo opositor constitui-se numa séria ameaça, pois coloca em xeque a definição de realidade do primeiro, até então considerada a única possível. Os membros da sociedade como que descobrem que há outras maneiras de se viver e se construir a existência, vale dizer, a

realidade. A censura imposta ao povo por governos totalitários nada mais é que um mecanismo preventivo, que procura evitar que as pessoas tenham consciência de outras realidades possíveis, evitando-se um confronto entre universos simbólicos. Na aniquilação, então, dois são os mecanismos utilizados para anulação do novo universo. O

66 João-Francisco Duarte Júnior

primeiro deles, como já citado, consiste em atribuir um *status* inferior às suas definições, procurando demonstrar-se o quanto elas são "ignorantes", "atrasadas" ou "degeneradas", enfim, impossíveis de serem levadas a sério. O segundo mecanismo é mais ambicioso: pretende explicar as definições do universo contrário em termos dos conceitos do universo original, incorporando-as a si e, assim, liquidando, em última análise. Este processo é uma espécie de fagocitose, onde as concepções alienígenas são traduzidas em conceitos de nosso universo, procurando demonstrar-se assim que elas já estavam previstas e consideradas em nossa realidade, só que através de outros termos e conceitos. Com esta sutil inversão aquilo que era antes oposição passa a ser afirmação do universo original.

Pensando no processo de catequese (religiosa ou não) a que foram submetidos os indígenas brasileiros pelos portugueses, percebe-se claramente este mecanismo de aniquilação: eles eram considerados povos "incultos", "bárbaros", "imorais", que não haviam encontrado "o verdadeiro Deus" e desconheciam a "superioridade da civilização européia". Ou ainda notemos os embates que às vezes ocorrem entre "umbandistas" e "espiritualistas" de um lado e psiquiatras e psicólogos do outro. Estes últimos procuram explicar a realidade vivida pelos primeiros, em suas incorporações e transes, através de seus conceitos, como: "histeria",

o que é Realidade - 67

"sugestão", "hipnose", etc., enquanto os espiritualistas pretendem entender as chamadas "doenças mentais" valendo-se dos elementos de seu universo simbólico, a saber, incorporação de entidades destrutivas, "despachos" feitos por terceiros, etc. E neste confronto é quase inevitável que os profissionais da psicologia invoquem a seu favor a "superioridade da ciência" na revelação das verdades do mundo.

Um aspecto central nesta questão do confronto entre universos simbólicos não pode ser esquecido: ele envolve, necessariamente, o poder. A definição da realidade que sairá "vencedora" e que se fixará na sociedade como resultado desse conflito, depende sobremaneira da força (material e física) de que dispõem os oponentes, na maioria das vezes até mais do que a engenhosidade dos técnicos legitimadores. Uma realidade é quase sempre, na história do mundo, imposta pela força e violência. Não foi assim com os povos "primitivos", colonizados pelo europeu "civilizado"? E não vem sendo assim com o neocolonialismo, onde as nações poderosas, econômica e militarmente, vêm se impondo às do Terceiro Mundo? Os melhores argumentos que a humanidade tem encontrado para eleger uma definição de realidade como "melhor" estão no empunhar armas.

Retornando aos "heréticos internos" devemos observar entre eles uma classe muito especial, que nem sempre é considerada abertamente divergente

68 João-Francisco Duarte Júnior

e nem sempre sofre os processos terapêuticos, principalmente nas sociedades pluralistas e democráticas. Trata-se dos intelectuais. Entenda-se por intelectuais aqueles indivíduos cujo trabalho consiste precisamente em manipular universos simbólicos, em geral buscando neles falhas e brechas por onde possam ser introduzidas novas e alternativas concepções da realidade. Enquanto na sociedade existem os "legitimadores oficiais", ou seja, pessoas que laboram no sentido de manter e arraigar profundamente aquelas concepções tidas e havidas como a única realidade possível, o trabalho do intelectual realiza-se no sentido inverso: questionar essas concepções.

O legitimador oficial tem a seu favor toda a infra-estrutura das instituições, já implantada e que serve de base concreta à sua legitimação teórica, ao passo que o projeto do intelectual se desenvolve num vácuo institucional. Neste sentido é que se pode falar em utopia, tomando-se o termo no seu sentido literal, derivado do grego: utopia = lugar nenhum. As construções teóricas dos intelectuais, que não se derivam das instituições, são utopias no sentido de ainda não existirem concretamente, com todo um arcabouço de vida prática sustentando-as.

Como afirmado anteriormente, ninguém sustenta sozinho uma concepção divergente de realidade, e isto é válido também para os intelectuais. Se lhes falta o respaldo da sociedade maior, todavia eles

encontram-no entre si mesmos, ou seja, na sub-sociedade de intelectuais que eles constituem. Suas concepções dissidentes são sistematicamente negadas pela práxis mesma da sociedade, mas subjetivamente eles podem mantê-las porque na subsociedade a que pertencem seus companheiros consideram-nas como realidade.

Daí o horror intrínseco que ditaduras de qualquer matiz nutrem contra os intelectuais e seus programas de estudo e pesquisas: eles acabam apontando sempre na direção de transformações no que existe, rumo a uma sociedade diferente, distinta da que os poderosos pretendem conservar a fim de manter seus privilégios.

Os intelectuais têm ainda a opção da revolução que, historicamente, é bastante importante. Por ela, eles se dispõem a tornar concreto o seu projeto, ou seja, transformar a sociedade (a realidade) para que se adéque às suas concepções, até então somente teóricas. Esta opção, contudo, tem de contar com o respaldo concreto, institucional, de outros grupos dentro da sociedade. Não há revoluções apenas teóricas, não há revoluções sem mudanças na infra-estrutura social, a nível da vida concretamente vivida pelas pessoas. Quanto mais as revolucionárias e dissidentes concepções dos intelectuais se espalham e tomam corpo entre outros grupos da sociedade, mais vai se solidificando a realidade alternativa proposta. Uma revolução se realiza (torna-se real) quando,

70 *João-Francisco Duarte Júnior*

pelo movimento da maioria da sociedade, as transformações nas instituições edificam uma nova realidade.

Realizada a revolução, isto é, tornadas reais aquelas concepções até então tidas como utópicas e divergentes, é freqüente ver-se o intelectual assumir o papel inverso, qual seja, o de legitimador oficial. Agora ele pode passar de opositor a propagandista da nova realidade, contribuindo para que ela seja aprendida e assimilada pelos grupos sociais. E pode assumir também, como complemento, o papel de "terapeuta", procurando reeducar os mais renitentes, os contra-revolucionários que insistem em manter suas antigas concepções e minar a nova realidade no sentido de um retorno à antiga. Ou ainda o intelectual, após a revolução, pode entender que ela se afastou daquelas concepções que a nortearam, que "não era bem isso o que se pretendia", retornando ao seu papel de crítico e opositor, trabalhando para que mais uma vez a realidade seja alterada. E é sempre bom frisar que este seu trabalho só é possível na medida em que haja uma tolerância democrática ao pluralismo de concepções.

Até aqui nossas considerações acerca da manutenção da realidade disseram respeito a um nível coletivo, social, em termos de instituições e universos simbólicos. Porém, é preciso que se verifique como a realidade é conservada com relação aos indivíduos, na vida cotidiana. Neste

o que é Realidade 71

nível pode-se distinguir entre dois tipos gerais de conservação da realidade: uma *rotineira* e outra *crítica*.

A rotineira destina-se a manter a realidade interiorizada pelos indivíduos na vida do dia-a-dia, ou seja, assegura que nos movimentemos num meio conhecido e previsível, sem mudanças bruscas, seja a nível subjetivo, seja a nível objetivo. Em primeiro lugar isto é conseguido através dos hábitos e rotinas, que são a essência da institucionalização. Enquanto minha realidade cotidiana se desenvolve de forma rotineira, isto é, de maneira já conhecida, estão suspensas quaisquer dúvidas e questionamentos que me obrigariam a pensar sobre a minha identidade (quem sou?) e a identidade das coisas e pessoas que me cercam. O mundo continua a (como eu o conheço: no meu percurso até o trabalho tomo o mesmo ônibus, que segue o trajeto habitual, as pessoas sobem e descem dele da maneira usual, as casas e edifícios continuam os mesmos, meus horários são mantidos, etc. - tudo isso me reafirma continuamente a solidez da realidade e me dá a segurança de que necessito para desenvolver minhas atividades.

Em segundo lugar a conservação rotineira é conseguida através de nossa interação com os outros. Estes, podem ser "outros significativos" (aqueles com quem mantemos relações pessoais mais íntimas), ou menos importantes: ambos os tipos ajudam na conservação de realidade. Quando

72 *João-Francisco Duarte Júnior*

paro o meu carro, por exemplo, e pergunto ao guarda de trânsito se posso estacionar ali, este é um encontro ocasional, mas que, implicitamente, reassegura a realidade: ele me reafirma que sou proprietário do veículo tal, que moro nesta cidade, que as regras de trânsito continuam a existir, que os policiais estão fazendo o seu trabalho, etc.

Nota-se então que o meio mais importante na manutenção da realidade é a conversa, ou seja, através dela o mundo é incessantemente reafirmado. Não nos esqueçamos daquilo que foi discutido no segundo capítulo: pela linguagem o mundo ganha sentido, significação. Na maioria dos diálogos que mantemos, a realidade está assegurada, ao menos de forma implícita: falamos num mesmo idioma e de coisas conhecidas, que compõem a nossa realidade. Um simples "bom-dia" do porteiro de meu edifício me informa que as coisas continuam como sempre.

Os diálogos que mantemos com os "outros significativos" são ainda mais importantes neste processo, na medida em que neles há uma carga adicional de afetividade, contribuindo com maior peso para assegurar a nossa realidade subjetiva. As opiniões emitidas por aqueles que me são significantes têm maior força para edificar e manter a minha identidade e a das coisas (e, é claro, têm também maior força para alterar essas identidades). Pela conversa a realidade não só é mantida mas ainda vai sofrendo modificações:

O que é Realidade - 73

certos temas, num dado momento, tornam-se mais discutidos e, portanto, mais relevantes (mais reais), enquanto outros vão sendo esquecidos e perdendo a sua realidade no centro de nossa atenção. Algo que nunca é falado possui para nós uma realidade subjetiva vacilante e fraca, em oposição à solidez daquilo que nos preocupa e de que falamos o dia inteiro.

Assim, a conversa mantém continuamente a certeza na realidade cotidiana, mas pode acontecer de esta certeza ser abalada por um fato qualquer: Por exemplo: minha mulher (um outro altamente significativo) me diz de uma hora para outra que vai me deixar porque sou um fracassado e ela não mais me ama. Este é um momento crítico, que faz o meu mundo estremecer. Sua opinião e seu comportamento roubam de mim a certeza que tinha quanto à minha realidade subjetiva, à minha identidade (serei realmente um fracassado?), além de abalar a realidade objetiva (que mundo é este onde podemos ficar sozinhos de repente? Como se faz para se viver sozinho?),

É necessário então que sejam acionados os mecanismos de conservação crítica da realidade, mecanismos estes que entram em cena nessas situações em que o real começa a desmoronar para os indivíduos. Tais mecanismos são os mesmos empregados na conservação rotineira, exceto que agora a confirmação da realidade deve se tornar explícita e intensa. Vou, por exemplo, conversar

74 João-Francisco Duarte Júnior

com meus amigos e parentes a fim de saber se eles crêem que eu seja realmente um fracassado, e arranjo rapidamente uma namorada, o que me confirma que é possível me amarem e que sou capaz de viver "a dois". Esses procedimentos ajudam-me a reestruturar e a manter a realidade que me era conhecida e que foi abalada.

Nessas situações críticas também pode ser posta em jogo uma série de técnicas que a sociedade provê justamente para tais casos. Dentro do mesmo exemplo, posso procurar um psicólogo para um aconselhamento ou uma psicoterapia, que me ajudem a reafirmar a minha identidade; ou mesmo buscar palavras de apoio junto ao pastor de minha igreja, no horário reservado para o atendimento dos fiéis.

Esses colapsos que a realidade pode sofrer não se dão apenas a nível individual, mas ainda coletivo, como em caso de catástrofes, revoltas por parte de determinados grupos, etc., quando também são acionados mecanismos de manutenção do real. Ao ser convocada uma passeata de desempregados e na iminência de ocorrerem saques e depredações, por exemplo, o governador ou o prefeito podem ir aos meios de comunicação e declararem que a polícia estará nas ruas para garantir a ordem e a normalidade (vale dizer, a realidade). Tais processos de afirmação do real, evidentemente, têm a sua intensidade e força de aplicação aumentadas proporcionalmente à seriedade com que a

O que é Realidade 75

ameaça à desintegração é percebida. Ameaças mais sérias exigem uma multiplicação dos mecanismos e rituais de conservação crítica da realidade.

Como já observado páginas atrás, no caso da revolução a realidade pode sofrer, em termos de coletividade, uma ruptura e um rearranjo sob uma nova forma (uma nova ordem institucional). Este fato pode ocorrer também com os indivíduos, quando por qualquer motivo seus parâmetros, subjetivos do real são desestruturados e novamente - organizados a partir de outros prismas. A conversão religiosa é, de certa maneira, o protótipo deste tipo de fenômeno, onde o indivíduo repensa e reestrutura sua maneira de viver, sentir e pensar de acordo com os novos valores fornecidos pelo novo universo simbólico.

No caso exemplificado anteriormente, quando minha mulher me deixa e coloca em dúvida o meu sucesso, pode ser que eu venha a descobrir que ela esteja certa, e então mude radicalmente a minha vida: vendo os meus pertences, abandono o meu emprego, arranjo uma casinha na praia e passo a fazer artesanato para ganhar dinheiro. Terei então de passar por uma reaprendizagem da realidade, ou seja, devo aprender a me orientar neste meu novo mundo, com relacionamentos diferentes, outros tipos de amizades e valores distintos daqueles cultivados anteriormente.

Esse processo de reconstrução da realidade subjetiva, que implica um aprendizado, ganhará

76 João-Francisco Duarte Júnior

contornos mais nítidos ao se tratar, no capítulo seguinte, das maneiras como a realidade é ensinada às novas gerações e reensinada àqueles que a tiveram desestruturada.

A APRENDIZAGEM DA REALIDADE

"Sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer adequada compreensão teórica relativa a ela deve abranger ambos estes aspectos."
(P. Berger e T. Luckmann)

O fenômeno da reificação, isto é, a apreensão da realidade como se fosse algo dado, independente dos homens (e não, construída socialmente), é uma constante verificada em qualquer cultura, "civilizada" ou "primitiva". Perceber a realidade forma desreificada, ou seja, como produto da ação humana, exige um certo esforço da consciência, e isto só pode ser conseguido após o real ter sido introjetado. Apenas depois de a realidade

78: João-Francisco Duarte Júnior

ter sido aprendida como algo exterior e coercitivo, apenas depois de o indivíduo ter-se integrado nela é que este pode conseguir uma certa "distância" que lhe permita percebê-la "de fora.",

O processo de aprendizagem da realidade é denominado *socialização*. Por ele tornamo-nos humanos, aprendemos a ver o mundo como o vemos nossos semelhantes e a manipulá-lo prática e conceitualmente através dos instrumentos e códigos empregados em nossa cultura. A socialização pode ser dividida em duas fases: a primária e a secundária.

Na socialização primária, que ocorre essencialmente no interior da família, de par com a evolução neurofisiológica vamos adquirindo a consciência que a linguagem nos permite e que nos "hominiza". Indivíduos criados longe de seus semelhantes, como comprovam os casos de crianças deixadas nas selvas ainda bebês e "adotadas" por animais, não se tornam humanos. Essas crianças, encontradas quando já beiravam a adolescência, não eram mais do que pequenos animais que caçavam, grunhiam e andavam "de quatro"; tentada a sua "hominização", a sua integração na sociedade, bem pouco conseguiram aprender e acabaram sucumbindo. É inevitável: o que conhecemos como "o humano" só é possível se produzido socialmente.

A socialização primária é básica e fundamental,

O que é realidade 79

toda e qualquer aprendizagem subsequente de se apoiar nesses alicerces construídos na primeira infância. Neste processo estão envolvidos apenas aspectos cognitivos e racionais, mas essencialmente fatores emocionais. E a emoção liga a criança aos primeiros "outros significados": os seus pais. Esta ligação afetiva é lição necessária para que a socialização se realize a bom termo, e sem ela seria extremamente, quando não impossível, este primeiro aprendizado do mundo.

O conteúdo e o instrumento mais importante da socialização primária, sem dúvida, é a linguagem. Por ela e com ela a realidade vai sendo apresentada à criança: o mundo vai se vestindo de significações, sendo montado através das palavras que o organizam e o edificam para o homem. Assim é a realidade, ou seja, a sociedade e a identidade indivíduo, vão sendo cristalizados em sua consciência no mesmo processo de interiorização.

Caminha-se progressivamente no sentido de uma razão de significados e de papéis, desde o do familiar até o mundo como um todo. A primeira identificação da criança se dá com os membros de sua família. Na medida em que ela progride em seu aprendizado, os papéis e significados desempenhados e transmitidos pelos familiares vão sendo percebidos como características também de outras pessoas. Desta forma, na socialização primária parte-se dos outros significativos-

80 João-Francisco Duarte Júnior

e se atinge o que se denomina "outro generalizado". A formação deste conceito de outro generalizado na consciência do indivíduo significa que ele agora não se identifica apenas com os outros concretos que estão à sua volta, mas com uma generalidade de outros, ou seja, com uma sociedade.

É neste ponto que termina a socialização primária: quando a criança percebe que a realidade transcende as fronteiras de sua casa e se espalha por todo um mundo social. Aliás, algumas crises podem ocorrer neste momento exatamente pela descoberta de que o mundo dos pais não é o único existente, e sim uma pequena parte de algo infinitamente complexo e até assustador. Tais crises podem inclusive serem agravadas se ela percebe que, por qualquer motivo, o mundo dos pais é mesmo ridicularizado em outros grupos sociais. Este é um fenômeno que tem ocupado a atenção de inúmeros educadores com relação às crianças que provêm do meio rural ou de favelas e periferias e que, numa escola elitizada, vêem seus valores e formas de expressão - vale dizer, a sua realidade - serem menosprezados pelos colegas e professores.

Já a socialização secundária diz respeito a qualquer processo subsequente à primária que vise a introduzir o indivíduo em novos setores do mundo objetivo de seu meio social. Quer dizer: pela socialização secundária interiorizamos

"submundos" institucionais (ou baseados nas instituições) que compõem a nossa sociedade. Por este processo vamos sendo introduzidos nas instituições sociais e assimilando as teorias que as legitimam. Isto significa a aquisição de conhecimento de funções e de papéis específicos, direta ou indiretamente decorrentes da divisão do trabalho e do conhecimento.

Enquanto a socialização primária vem plasmada de alta dose de afetividade, a secundária dispensa esta carga de emoções e se dá de maneira mais acional e planejada, onde o conhecimento é apresentado em seqüências lógicas e pedagógicas. Este processo de aprendizagem em geral é tarefa de instrutores especializados, como os professores, por exemplo.

Como o conhecimento assimilado na socialização secundária é menos marcado afetivamente, ele pode mais facilmente ser colocado entre parênteses, isto é, esquecido ou deixado de lado. Justamente pela emoção que o acompanhou é que o "mundo básico" interiorizado na socialização primária se mantém sólido e com pouquíssimas possibilidades de ser abalado. Muitas teorias psicológicas ressaltam o fato de os fundamentos de nossa personalidade acharem-se nas experiências vividas na primeira infância, quando está em curso a socialização primária. A matemática, a história e a geografia, por exemplo, podem ser esquecidas e postas de lado pela criança ao sair

82 *João-Francisco Duarte Júnior*

da escola, mas o mundo dos pais é inevitável: ela vive nele, quer queira ou não.

A realidade interiorizada no processo secundário é, assim, mais frágil e fugaz, podendo sofrer desestruturas e novas montagens. É importante notar-se também que a realidade subjetiva (o acervo de conhecimentos interiorizados) e a realidade objetiva (o conjunto de instituições e legitimações da sociedade) nunca mantêm entre si uma relação simétrica. Ou seja: é impossível conhecer-se tudo o que existe na sociedade, conhecer-se a totalidade do real (mesmo nas culturas mais "primitivas"), nem tudo o que existe em nossa consciência é proveniente das objetivações sociais, como a consciência do próprio corpo, por exemplo. A realidade subjetiva e a objetiva são co-extensivas, porém nunca simétricas.

Quando no capítulo anterior tratamos da conservação da realidade, foi abordada a questão dos indivíduos que, por qualquer motivo, têm a sua realidade subjetiva abalada ou mesmo desestruturada. Ali afirmou-se que nesses casos é desenvolvido todo um trabalho no sentido de, ou conservar a realidade ameaçada, ou reconstruir a demolida. É preciso agora que se observe mais de perto essa tarefa de reconstrução, já que ela nada mais é do que uma reeducação, ou melhor, uma re-socialização.

Se o conteúdo da consciência que foi adquirido

o que é Realidade 83

na socialização secundária sofre abalos ou se desestrutura, tal fato não provoca choques muito sérios no indivíduo, pois que trata-se de conhecimentos (teóricos) pouco coloridos emocionalmente e que podem ser facilmente substituídos por outros. Trocar uma visão teórica por outra, um sistema de pensamento por outro, quando a realidade básica (emocional) continua estruturada, não é tarefa muito complicada.

Contudo, a coisa se complica quando os abalos e desestruturas atingem os valores e a visão de mundo adquirida ao longo da socialização primária. Neste nível estão envolvidos aspectos fortemente emocionais, e abalos nessas dimensões são sentidos pelo indivíduo como fissuras em sua própria identidade. É evidente que uma desestruturação total da realidade subjetiva jamais será possível, pois que, em última análise, o indivíduo continuará a ter o mesmo corpo e a habitar o mesmo universo físico. (Os casos de desestruturas acompanhadas de mutilações corporais são, realmente, os mais sérios. E este é, muitas vezes, o drama daqueles que foram submetidos a torturas e sevícias.)

As alterações mais profundas operadas na realidade subjetiva (aquelas que atingem o mundo básico da socialização primária) recebem a denominação particular de *alterações* e, como já citado, o caso da conversão religiosa serve de protótipo explicativo deste processo.

84 *João-Francisco Duarte Júnior*

Para que ocorra efetivamente, uma alteração exige o concurso de terceiros, pois estando desestruturados aqueles fundamentos adquiridos na infância, o indivíduo necessita passar por uma re-socialização semelhante à primária. Foi dito semelhante e não igual porque esta re-socialização não começa do nada, como acontece com a socialização primária, onde o bebê sequer está "pronto" em termos neurofisiológicos. As semelhanças que ambos os processos mantêm entre si dizem respeito à carga emocional necessária para a estruturação da realidade subjetiva (e da própria identidade). Ao passar por uma alteração o indivíduo precisa de um forte grau de identificação emocional com o pessoal socializante, como o que o ligava aos pais.

O mais difícil na alternância é sempre a manutenção da nova realidade, já que a tendência a retornar ao mundo arraigado na primeira infância é elevada. Fazer com que o indivíduo abandone de vez a antiga visão e passe a interpretar a realidade da nova maneira exige uma série de procedimentos e cuidados especiais. É preciso que este deixe para trás o mundo que antes habitava, e o ideal para tanto consiste na segregação física durante a re-socialização. Daí a necessidade de claustros, conventos, retiros, etc., no caso da conversão religiosa: locais onde os contatos se dão apenas com aqueles que possuem a visão de realidade a ser assimilada. Observe, por exemplo,

O que é Realidade 85

que os conhecidos "cursilhos" realizados pela Igreja católica em busca de novos adeptos procuram trabalhar com estes dois aspectos fundamentais: um forte grau de emoção e um isolamento (temporário) dos iniciados.

Esta segregação no processo de alternância não deve ser apenas física, mas também estender-se de maneira conceitual, isto é, os antigos companheiros que o indivíduo deixou, portadores daquela que era também a sua visão de realidade, devem ser redefinidos a partir do novo universo simbólico adquirido. Esses antigos companheiros e tudo aquilo que eles representam passam então a ser tipificados como "impuros", "pecadores", "infieis", etc., o que nada mais é do que um processo de aniquilação que visa a garantir a superioridade do novo universo simbólico em detrimento do antigo, tornado assim inferior e desprezível.

A alternância implica, desta forma, uma reinterpretção do próprio passado do indivíduo à luz do novo universo simbólico por ele assimilado. Tudo o que foi vivido deve agora ser repensado para harmonizar-se com sua nova visão de mundo. É bastante freqüente, nesses casos, que o "convertido" chegue mesmo a inventar fatos e acontecimentos em sua biografia pregressa, a fim de torná-la mais plausível dentro de seu novo sistema de referência. Historicamente é muito comum a falsificação e a invenção de documentos religiosos,

86 João-Francisco Duarte Júnior

o que parece ser decorrente justamente dessa necessidade de coerência entre o passado e o presente daqueles que sofreram conversões. Se na socialização secundária, que se apóia na primária, o passado deve ser retomado a fim de que o presente seja interpretado numa seqüência harmônica, na re-socialização ocorre o inverso. Isto é: o passado deve ser redefinido e mesmo alterado em função do presente.

Reservemos agora estas últimas linhas do capítulo para citar e conceituar a ocorrência de socializações malsucedidas. Este problema, evidentemente, reveste-se de gravidade quando a socialização que não foi bem-sucedida é a primária. E entende-se que a socialização tenha sido malsucedida quando existe um alto grau de assimetria entre a realidade subjetiva e a objetiva, ou seja, a visão de mundo assimilada pelo indivíduo é bastante discrepante do mundo tal como objetivamente definido pela sociedade em que ele vive.

Tais casos ocorrem principalmente devido ao fato de existirem acentuadas divergências entre as visões de mundo do pessoal socializador. Isto pode ocorrer, por exemplo, quando a criança passa grande parte de seu tempo sob os cuidados de uma empregada ou babá que provém de um grupo social ou cultura radicalmente diversa da dos pais. Desta maneira o indivíduo estará, em sua primeira infância, sofrendo a mediação do mundo através de outros significativos cujas realidades subjetivas

o que é Realidade 87

A dificuldade do esquizofrênico em erigir para si mesmo uma identidade una e coerente, fragmentando-se numa multiplicidade de "eus".

=

88 João-Francisco Duarte Júnior

são discrepantes, acarretando-lhe uma dificuldade em erigir para si uma realidade subjetiva mais harmônica e coerente com a objetiva.

Pode-se inclusive analisar o "distúrbio mental" classificado pela psicologia como "esquizofrenia", sob este aspecto. A dificuldade do esquizofrênico em erigir para si mesmo uma identidade una e coerente, fragmentando-se numa multiplicidade de "eus", tem sido encarada pelas modernas teorias psicológicas como resultante do choque entre realidades contraditórias durante a sua infância. Sob este ponto de vista, tal indivíduo é resultante de um processo malsucedido de socialização primária, onde nunca conseguiu obter uma extensão coerente e integrada entre a sua realidade subjetiva e a objetiva. E mais: sua própria realidade subjetiva não foi coerentemente edificada, constituindo partes desconectadas entre si e com o mundo à sua volta. Assim, o esquizofrênico vive sob os escombros da realidade que, por ter-lhe sido construída sobre alicerces desarticulados, acabou desmoronando em pedaços soltos.

A REALIDADE CIENTÍFICA

"Visto que se acham contidas na existência muitas atitudes, há também muitos mundos, e não um mundo-em-si. Não existe, por conseguinte, um mundo-em-si *científico*. Em princípio há tantos mundos científicos especificamente distintos, quantas são as atitudes especificamente diversas de perguntar."

(W. Luijpen)

Reservou-se este último capítulo especificamente para se tratar da ciência e da realidade por ela construída por um motivo especial: a posição que suas verdades e construções vêm ocupando no mundo moderno. Atualmente tendemos a acreditar apenas naqueles fatos que sejam cientificamente provados, mesmo que não entendamos nada do que vem a ser ciência. Parece que a palavra ciência

90 *João-Francisco Duarte Júnior*

tem adquirido entre nós um caráter quase mágico, apesar do paradoxo aparente que possa estar contido nesta afirmação. Tendo ela colocado o seu aval sobre qualquer fato, este ganha aos nossos olhos um alto grau de credibilidade, por mais absurdo que nos pareça.

Sem dúvida não será forçar muito o raciocínio se dissermos que a ciência (ou pelo menos o mito que se construiu em torno dela) ocupa na moderna civilização o lugar outrora ocupado pela teologia. Até o advento da modernidade as escrituras sagradas tinham para o homem o caráter de lei na interpretação das verdades do mundo: a palavra final cabia, em última análise, aos legitimadores e peritos em textos sagrados. Não foi o que aconteceu com Galileu, caracteristicamente o pioneiro no método experimental científico? Os religiosos simplesmente se recusaram a olhar pelo seu telescópio porque suas afirmações eram contraditadas por todas as escrituras e a tradição judaico-cristã. Não havia o que discutir: a realidade se dava de acordo com os textos sagrados, e qualquer desvio não era outra coisa senão heresia.

Mas agora a questão se inverteu: tudo aquilo que não seja cientificamente comprovado não deve merecer o nosso respeito, já que se trata tão-somente de "filosofia", "poesia" ou simples superstição ou misticismo. E evidente que esta posição central da ciência adveio das transformações que através dela (e da tecnologia, sua

O que é Realidade 91

filha direta) conseguiram imprimir-se ao mundo. O poder da ciência na definição da realidade deriva-se de seu enorme poder para transformar o mundo e até reduzi-lo a pó. É irônico: seu poder de definição do real advém, em última análise, de sua capacidade de destruí-lo.

Faz-se urgente e necessário, portanto, que se desmistifique um pouco esta coisa quase mágica chamada ciência, relativizando-a até que se compreenda que ela é apenas uma das formas de se construir e entender a realidade. Pois que esta, como vimos, nasce de um jogo dialético entre o homem e o mundo físico, entre a consciência e o trabalho humanos e a materialidade das coisas.

Dependendo da pergunta que lançamos ao mundo obteremos um tipo de resposta. O que significa esta afirmação? Basicamente que as coisas se apresentam a nós de acordo com o nosso ponto de vista sobre elas. Recordemos o que foi dito num capítulo anterior. A água só aparecerá a mim como H₂O se meu questionamento a ela se realizar no âmbito da química. Para a lavadeira da margem do rio a realidade da água é estar límpida ou barrenta, propícia ou não ao seu propósito de lavar as roupas.

Por estas asserções pode-se compreender que não há um mundo-em-si, uma realidade fechada em si mesma, mas que o mundo é sempre e necessariamente um mundo-para-o-homem. Mundo é aquilo que o homem conceitua, organiza e transforma,

92 *João-Francisco Duarte Júnior*

já o dissemos anteriormente. A ciência é a revelação de certos aspectos do mundo tais como eles se apresentam ao ser humano, quando este lança-lhe determinadas questões.

E como funciona a ciência? Fundamentalmente através de modelos. Uma teoria científica é um modelo construído para representar determinado aspecto da realidade, dentro de seu campo específico de significação. O cientista observa determinados *fatos*, organiza-os de modo a constituir um modelo coerente e submete este seu modelo à comprovação empírica. Se as coisas se passarem tal como previstas no seu modelo, isto significa que ele tem valor explicativo e funciona como esquema de compreensão e manipulação daquele aspecto do real. Caso contrário, o modelo é rejeitado como falso e deixado de lado.

Isto nos coloca a questão da verdade, não só no campo científico como de maneira geral. Pode-se afirmar (e isto pode chocar alguns) que verdade é aquilo que funciona, que serve aos nossos propósitos. Se um dado modelo científico funciona, isto é, permite que por ele determinados aspectos do mundo possam ser manipulados, então ele é considerado verdadeiro, ao menos até que novos *fatos* surjam, que

não possam mais ser explicados ou manipulados por ele. E aí torna-se necessária a construção de um novo modelo. O átomo, por exemplo, era originalmente concebido como a menor partícula da matéria, uma

o que é Realidade 93

partícula indivisível (daí o nome: átomo, em grego = sem partes). Depois, devido à observação de vários fenômenos, construiu-se um modelo para o átomo em que ele apresentava dois tipos de partículas nucleares e outro tipo de partícula que girava em torno deste núcleo, feito um sistema solar.

Assim, os modelos da ciência são maneiras de se construir o real dentro de seu âmbito particular (e note que dissemos construir, ao invés de descobrir o real). Tais modelos vão sendo, ao longo da história, substituídos por outros mais abrangentes e explicativos e, portanto, a realidade que a ciência constrói vai sendo transformada paulatinamente. A questão da verdade, por este motivo, deve ser também relativizada temporalmente. Aquilo que hoje é tomado como verdadeiro (aquele modelo que hoje funciona) amanhã poderá deixar de sê-lo (deixará de funcionar). Até há algum tempo era verdade que o átomo era formado apenas de prótons, nêutrons e elétrons; com o desenvolvimento da física quântica isto não mais é verdadeiro: no seu interior há centenas de outros tipos de partículas subatômicas. O modelo atual afirma que a maior parte das partículas conhecidas se forma por diversas combinações de três entidades ou partículas elementares denominadas "quarks", que seriam então as menores constituintes da matéria. Porém, mesmo este modelo já está sendo contestado na direção da

94 João-Francisco Duarte Júnior

existência de unidades ainda menores, que formariam os "quarks".

A questão da verdade depende então de dois fatores: sua localização na história do conhecimento e sua validade num determinado setor da realidade. Este último fator significa que as verdades construídas pelo homem ao manter uma determinada postura frente ao mundo (a científica, por exemplo), não se sobrepõem nem invalidam outras verdades construídas a partir de posturas diferentes (a artística e a religiosa, por exemplo). Verdades científicas são válidas no âmbito da ciência, verdades estéticas no âmbito das artes, e assim por diante. Cada uma delas constitui aspectos diversos da realidade construída pelos homens, e é indevido compará-las pretendendo-se a superioridade de uma em detrimento das outras.

A realidade construída pela ciência é, se assim podemos chamar, uma "realidade de segunda ordem": uma realidade que se apóia naquela em que nos movemos em nosso dia-a-dia. Melhor dizendo: as construções científicas partem, inevitavelmente, de nossa (humana) percepção da realidade. E somente porque nosso sistema visual nos permite a percepção das cores que a ciência pôde estudá-las e concluir que se tratam de ondas luminosas de diferentes comprimentos. Se, como certos animais, percebêssemos o mundo em preto e branco, não poderíamos falar das cores e a ciência provavelmente não se disporia a estudá-las

o que é Realidade 95

(já que elas não existiriam para nós). O mundo que o cientista constrói, em última análise, é derivado do mundo em que ele vive. Até aqui falamos em ciência de maneira genérica, mas é preciso que se efetue uma importante divisão no seu interior, separando-a em ciências naturais e humanas. As naturais ocupam-se, é claro, da natureza, e mesmo aí podemos dividi-las novamente naquelas que tratam do mundo físico, inanimado (física, química, etc.), e naquelas que li trabalham com a vida (biologia, subdividida em botânica, zoologia, etc.).

As ciências naturais do mundo inanimado têm na matemática, ou seja, na quantificação, o seu principal instrumento de conhecimento. A realidade, neste âmbito, é traduzida em termos de números e relações numéricas. São chamadas de "exatas" porque apresentam elevado grau de exatidão e previsibilidade. Esta última característica é importante e merece a nossa atenção, já que nela reside a diferença fundamental entre tais ciências e as humanas.

O objeto de estudo das ciências físico-naturais, ou seja, o mundo físico com suas forças e processos, apresenta uma constância e uma regularidade inexoráveis. A natureza apresenta a infinita paciência de se repetir sempre, em qualquer lugar, mantendo seus sistemas de interação entre os elementos. A água, por exemplo, aquecida sob a pressão de uma atmosfera entrará em ebulição a

96 João-Francisco Duarte Júnior

100°C, aqui ou na Patagônia; um ácido misturado a uma base produzirá um sal mais água, seja onde for. O que se está tentando dizer é que a natureza opera segundo determinadas leis e normas que não se alteram ao sabor do acaso, e o trabalho do cientista é justamente construir modelos que representem esta ordem oculta.

E é por isso que as ciências físicas detêm elevado grau de previsibilidade: encontrada esta ordem natural torna-se simples prever o que acontecerá sob tais e tais condições, dada a imutabilidade das leis

que regem a natureza. Desta forma, essas ciências são exatas e permitem a previsão não devido ao método que empregam (baseado na quantificação), mas porque seu objeto de estudos é regular e repetitivo.

Dentre as ciências naturais, aquelas que se ocupam da vida (entendida biologicamente) também possuem uma considerável margem de exatidão, que lhes permite o controle e uma certa previsão. A vida não é tão monótona quanto o mundo físico, mas ainda assim as estruturas e processos dos organismos vivos se mantêm bastante regulares. Cães sempre procriaram e procriarão cães, e a função do estômago é, em qualquer organismo que o possua, digerir alimentos, assim como as árvores se alimentam dos nutrientes absorvidos pelas raízes em qualquer lugar do mundo. O objeto de estudos das ciências biológicas, a vida, mantém então uma certa regularidade que

o que é Realidade 97

também lhes permite um bom saldo de exatidão, certeza e previsibilidade.

Contudo, ao ingressarmos no reino do humano a coisa se complica. O homem possui uma estrutura biológica regular, mas suas construções e comportamentos não se derivam diretamente de seu organismo. Por exemplo: pássaros voam porque têm asas, mas o homem não as possui e criou formas de se elevar nos céus; peixes vivem na água respirando através das guelras, atributo não pertinente ao homem que, no entanto, inventou formas de descer e permanecer muito tempo sob as águas. Assim, o ser humano não está determinado pelo seu organismo, como os animais.

O homem se agrupa ainda em culturas diversas, e em cada uma desenvolve maneiras diferentes de viver e compreender a vida. O iraniano se veste de determinada maneira, tem os seus valores, o seu deus, etc. Ele vive de forma diferente, por exemplo, do brasileiro, que cultua outros valores, veste-se de outra forma, etc. E ambos são muito diferentes dos esquimós, que apresentam seu jeito peculiar de construir a realidade. Desta forma, não sendo o homem determinado biologicamente, ele inventa a sua maneira de viver, cria a sua realidade culturalmente. E ainda mais: dentro de uma mesma cultura coexistem grupos distintos e, mesmo dentro de tais grupos, os indivíduos, apresentam características exclusivamente suas personalísticas. Em suma: o homem apresenta uma

98 João-Francisco Duarte Júnior

liberdade que é irredutível ao meramente físico, ao puramente biológico.

Disso decorre a impossibilidade de as ciências humanas serem exatas e previsíveis. Há dimensões fundamentais no humano que não permitem quaisquer previsões ou quantificações. Não se pode aplicar ao estudo do homem os mesmos métodos utilizados nas ciências físico-naturais, e ainda mais porque, em tais ciências, o objeto de estudos é diferente do sujeito que o investiga (o homem), enquanto nas humanas o próprio objeto é um outro sujeito.

Toda esta distinção que fizemos entre as diferentes ciências foi necessária para que o mito da quantificação como critério último para o estabelecimento da verdade seja posto de lado ou, ao menos, relativizado. Porque muitos ainda crêem que a verdade seja mais "verdadeira" quando expressa em números, e muitos cientistas procuraram estudar o homem valendo-se dos métodos das ciências físico-naturais, esperando assim obter maior veracidade em seus trabalhos. Ora, o ser humano pede métodos específicos de estudo, e a quantificação só deve ser critério de verdade dentro de um delimitado setor da realidade: o mundo natural.

Há então zonas de realidade, cada qual coberta por ciências específicas, que se valem de métodos particulares. As construções de cada uma delas são verdadeiras e têm o seu âmbito restrito àquela

o que é Realidade 99

área determinada do real Uma ciência é esta ciência e não outra, pelo fato de dirigir à realidade esta pergunta específica e não outra qualquer.

Os cientistas vão, assim, construindo a realidade científica compartimentadamente, isto é, dentro de seus campos delimitados de atuação, e tais campos não podem simplesmente ser somados ou justapostos uns aos outros. Melhor dizendo: é impossível a construção de uma ciência una, que abranja a realidade como um todo e estabeleça leis e teorias para tudo aquilo que existe. E a tendência tem sido justamente a inversa: cada vez mais as ciências se fragmentam e se especializam, restringindo gradativamente o seu interesse a parcelas menores do real. A medicina, por exemplo, que originariamente estudava o funcionamento e afecções do organismo humano em sua totalidade, fragmentou-se tanto que hoje cada órgão deste organismo é estudado por um especialista. A realidade como um todo jamais poderá ser objeto de estudos de uma única ciência, pois que não há uma realidade una e indivisível, e sim tantas quantas são as ciências que as constroem.

A definição do real, ou melhor, do conceito humano de realidade não é tarefa para ciências específicas, e sim para a filosofia. Ao cientista cabe manipular setores determinados da realidade, construindo-lhes modelos representativos e explicativos, enquanto o filósofo se ocupa da compreensão de como o homem percebe e compreende

o mundo, instaurando a sua realidade (dentro da qual está a própria ciência). E evidente que um diálogo entre a filosofia e as ciências só pode ser fecundo para ambas, mas os cientistas em geral têm, miopemente, se recusado a ouvir os filósofos, movidos muitos deles pela velha crença na verdade suprema da ciência (e da quantificação). Por sua vez a filosofia, ao tentar compreender o que é realidade, depende bastante do conhecimento advindo das ciências, especialmente o das humanas (mais particularmente dos dados fornecidos pela antropologia, sociologia e psicologia). E finalmente cabe ao filósofo manter também uma posição de humildade no que concerne a seu conhecimento sobre o conhecimento humano que constrói a realidade: humildade para reconhecer que há regiões do real inacessíveis ao pensamento puramente lógico e racional. Dimensões essas a que se chega através de outras construções humanas, como a arte e a religião, por exemplo.

Como últimas palavras faz-se necessária uma pequena advertência àqueles que se dedicam a estudar ciências humanas e que freqüentemente utilizam-se do termo realidade nas suas construções teóricas: é preciso compreender todo o mecanismo social e cultural que a palavra tem atrás de si, a fim de se evitar erros grosseiros e, o que é pior, violências contra o próprio homem. Porque o psicólogo ou psiquiatra, por exemplo, pode submeter seu cliente a um vasto repertório de testes e

O que é Realidade 101

investigações com o intuito de descobrir se ele se encontra orientado na realidade. Isto é lógico: nossa condição de sanidade pede-nos uma orientação mínima e necessária na realidade em que vivemos. Contudo, a sutil e profunda questão a ser feita é: orientado em que realidade? Porque, como se espera ter ficado claro nas páginas precedentes, a realidade que habitamos tem a sua definição ditada pelos grupos sociais e culturais a que pertencemos, e uma orientação numa dada realidade pode parecer ilógica e mesmo insana se vista a partir de outra.

* * *

P.S. - Se você não tem dicionário, ou se esqueceu de nele procurar o significado da palavra "zeugo", não será por isso que ficará privado deste conceito. Zeugo é um instrumento musical da Grécia antiga, composto de duas flautas reunidas.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

Este pequeno texto tem a sua principal inspiração e a sua espinha dorsal na obra *A Construção Social da Realidade*, de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, publicada em Petrópolis pela Editora Vozes. Trata-se de um livro fundamental para quem pretenda seguir adiante nos raciocínios aqui expostos, e que disponha de algum conhecimento filosófico e sociológico. Especialmente os conceitos apresentados no terceiro, quarto e quinto capítulos deste texto foram retirados do trabalho de Berger e Luckmann. Ali se encontram tais conceitos aprofundados e fartamente exemplificados, acrescidos de outros que não caberiam aqui, pela exigüidade de espaço. Certamente a obra dos dois autores é obrigatória para todos os estudantes de filosofia e ciências humanas.

Outra obra básica para a compreensão da estruturação da realidade, de um ponto de vista mais abrangente e filosófico (onde inclusive a discussão da ciência e da linguagem estão presentes), é *Introdução à Fenomenologia Existencial*, de W. Luyjpen, publicada em São Paulo pela Editora Pedagógica e Universitária (EPU). Trata-se de um

o que é Realidade 103

trabalho mais denso, ao qual convém se chegar com alguns conhecimentos prévios de filosofia, apesar de ele ter sido escrito com intenções claramente didáticas.

Quanto à questão da ciência e da realidade por ela construída é imprescindível a leitura de *Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e Suas Regras*, de Rubem Alves, publicado em São Paulo pela Editora Brasiliense. De leitura acessível e agradável, o texto procura demonstrar que a ciência nada mais é do que um jogo de montar, um jogo onde vai-se construindo modelos representativos da realidade. Para tanto, o autor vale-se também de um procedimento lúdico: ao longo do livro uma série de jogos e quebra-cabeças vai sendo apresentada ao leitor, que, ao se empenhar em suas soluções, descobre praticamente os mecanismos operatórios da ciência.

Ainda dentro do âmbito da ciência seria indicada a leitura de *O Que é Teoria*, de Otaviano Ramos, publicado em São Paulo pela Editora Brasiliense, nesta mesma coleção "Primeiros Passos". Ali o autor procura demonstrar como surgem as teorias e como se dão suas articulações com a prática, no âmbito das ciências físico-naturais e das humanas.

Finalmente, para os que se disponham a entender melhor a questão das legitimações e teorias que invertem a ordem prática das coisas e acabam ocultando, mais do que explicando, a vida concretamente vivida, o indicado seria *O Que é Ideologia*, de Marilena Chauí, desta mesma Editora e Coleção. A autora procura, em seu texto, explicitar como surgem e como operam as ideologias, definindo-as numa linha de pensamento que tem os seus parâmetros estabelecidos na obra do filósofo Karl Marx.

Biografia

Nasci em Limeira (SP), em 1953. Formei-me em Psicologia pela PUC-Campinas e concluí o Mestrado em Psicologia Educacional na UNICAMP.

Amante incondicional de qualquer forma de arte, desde logo me interessei pelo fenômeno estético como uma maneira de o homem dar sentido à sua existência. Passei então a tentar entender como a arte se constitui num elemento educativo, tema de minha dissertação de mestrado.

Atualmente leciono Psicologia da Arte na Universidade Federal de Uberlândia (MG), mas no fundo no fundo, gostaria mesmo era de ocupar todo o meu tempo lendo e escrevendo poesia - coisa impossível num país como o nosso (ou talvez em qualquer país do moderno mundo tecnocrático),

Publiquei: *Enigma* (poesia), em 1979, pela Universidade Federal de Uberlândia; *Fundamentos Estéticos da Educação* (filosofia), em 1981, pela Cortez Editora e Autores Associados; *Oficina* (antologia de 5 poetas), em 1982, pela Editora Papyrus; *A Política da Loucura: A Antipsiquiatria*, em 1983, pela Editora Papyrus, e *Por Que Arte-Educação?*, também em 1983 e pela mesma editora.

Caro leitor: Se você tiver alguma sugestão de novos títulos para as nossas coleções, por favor nos envie. Novas idéias, novos títulos ou mesmo uma "segunda visão" de um já publicado serão sempre bem recebidos.